



ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco
Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida

REITORIA	Prof. Me. Gilmar de Oliveira
DIREÇÃO ADMINISTRATIVA	Prof. Me. Renato Valença
DIREÇÃO DE ENSINO PRESENCIAL	Prof. Me. Daniel de Lima
DIREÇÃO DE ENSINO EAD	Profa. Dra. Giani Andrea Linde Colauto
DIREÇÃO FINANCEIRA	Eduardo Luiz Campano Santini
DIREÇÃO FINANCEIRA EAD	Guilherme Esquivel
COORDENAÇÃO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO	Profa. Ma. Luciana Moraes
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE ENSINO	Profa. Dra. Nelma Sgarbosa Roman de Araújo
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE PESQUISA	Profa. Ma. Luciana Moraes
COORDENAÇÃO ADJUNTA DE EXTENSÃO	Prof. Me. Jeferson de Souza Sá
COORDENAÇÃO DO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA	Prof. Me. Jorge Luiz Garcia Van Dal
COORDENAÇÃO DE PLANEJAMENTO E PROCESSOS	Prof. Me. Arthur Rosinski do Nascimento
COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA EAD	Profa. Ma. Sônia Maria Crivelli Mataruco
COORDENAÇÃO DO DEPTO. DE PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS	Luiz Fernando Freitas
REVISÃO ORTOGRÁFICA E NORMATIVA	Beatriz Longen Rohling Carolayne Beatriz da Silva Cavalcante Caroline da Silva Marques Eduardo Alves de Oliveira Isabelly Oliveira Fernandes de Souza Jéssica Eugênio Azevedo Louise Ribeiro Marcelino Fernando Rodrigues Santos Vinicius Rovedo Bratfisch
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	Bruna de Lima Ramos Carlos Firmino de Oliveira Hugo Batalhoti Morangueira Giovane Jasper Vitor Amaral Poltronieri
ESTÚDIO, PRODUÇÃO E EDIÇÃO DE VÍDEO	André Oliveira Vaz Carlos Henrique Moraes dos Anjos Pedro Vinicius de Lima Machado Thassiane da Silva Jacinto

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação - CIP

D359a Delmonaco, Matheus Henrique
Análise das demonstrações contábeis / Matheus Henrique
Delmonaco, Rodrigo Gaspar de Almeida. Paranavaí:
EduFatecie, 2024.
96 p.: il. Color.

1. Contabilidade. 2. Balanço (Contabilidade). 3. Investimentos de capital. I. Centro Universitário UniFatecie. II. Núcleo de Educação a Distância. III. Título.

CDD: 23. ed. 657

Catalogação na publicação: Zineide Pereira dos Santos - CRB 9/1577

**As imagens utilizadas neste material didático
são oriundas do banco de imagens
[Shutterstock](#).**

AUTOR

Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida



Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida

Mestre em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Maringá (2018), Especialista em Administração pela Universidade Paranaense (2010), possui duas graduações: Gestão Estratégica pela Universidade Paranaense (2010) e Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Maringá (2015). Atuou em organizações industriais e prestadoras de serviço: controladoria, planejamento, orçamento, auditoria interna e jurídico (gestão de contratos). No ano de 2017, realizou o curso nível profissional de Relato Integrado na BSD Consulting em São Paulo/SP. A partir de 2018, ministrou disciplinas nos cursos de Ciências Contábeis e Gestão Financeira da Educação a Distância (EAD) do UniCesumar.

Informações e contato:

 Currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6488559129142413>

AUTOR

Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco



Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco

Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Contábeis da Universidade Estadual de Maringá (PCO/UEM) - Linha de pesquisa: contabilidade para usuários externos (2018). Graduado em Ciências Contábeis pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) (2015). Participou como bolsista em projeto de pesquisa voltado à Iniciação Científica para Ensino Médio (PIBIC-EM) - (2011), na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente atua como Coordenador dos Cursos de Bacharelado em Ciências Contábeis e Ciências Econômicas - EAD, do Centro Universitário Cidade Verde – UNIFCV. Tenho interesse em pesquisas relacionadas ao Mercado Financeiro, Mercado de Ações e Fraudes.

Informações e contato:

 Currículo Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2569885539130860>

APRESENTAÇÃO

Caro(a) aluno(a), sejam bem-vindos ao Livro de Análise das Demonstrações Contábeis!

Organizamos este material visando contribuir com a sua formação neste curso superior e sua atuação no âmbito empresarial. Nesse sentido, reunimos conceitos, definições e legislações atualizadas, os quais já são convergentes às práticas de mercado e Normas Internacionais de Contabilidade. O objetivo deste material visa proporcionar o entendimento sobre como analisar as demonstrações contábeis, as quais são um conjunto de informações compulsórias que as organizações elaboram para os usuários internos e usuários externos, visando entender sua posição patrimonial, financeira, econômica e social, bem como comparar com organizações do mesmo setor. Nesta perspectiva, na Unidade I, explicaremos como que as demonstrações contábeis-financeiras podem, através da análise das informações contidas nelas, dar suporte nos processos decisórios dos usuários das informações contábeis. Discorreremos sobre a contabilidade como instrumento de geração das informações contábeis. Explicaremos os tipos dos usuários contábeis e como cada tipo de usuário contábil utiliza as informações geradas pelas demonstrações contábeis. Abordaremos sobre a preparação e a padronização das Demonstrações Contábeis. Na Unidade II, será discorrido discorreremos sobre os procedimentos para analisar as demonstrações contábeis. Abordaremos como funciona a coleta de dados para analisar as demonstrações contábeis, a forma de coletar a documentação para utilizar na análise pode variar de acordo com algumas circunstâncias. Na Unidade III, o foco Índices Financeiros, Econômicos e Patrimoniais. Esses índices são cálculos matemáticos efetuados a partir do balanço patrimonial e da demonstração de resultados, auxiliando no entendimento da situação da organização, em seus aspectos patrimoniais, financeiros e de rentabilidade. A elaboração de Índices (Indicadores) é o processo de análise mais utilizado pelos analistas, porque oferece visão global da situação econômica e financeira da Organização. E por fim na Unidade IV traremos outras abordagens sobre Avaliação de Desempenho Econômico e Financeiro, demonstrando outros índices para comparação setorial e de retornos. Explicaremos sobre o EBITDA que é uma medida financeira, que busca identificar a parte de lucro que uma empresa obteve em determinado período de tempo, não considerando alguns tipos de despesas.

Abordaremos sobre a alavancagem operacional e financeira na avaliação de uma organização, na qual possibilita o conhecimento da viabilidade econômica, identificando-se claramente as causas que determinaram eventuais variações nos resultados. De acordo com Ludícibus (2007) a análise da demonstração é uma técnica que possibilita extrair informações úteis dos relatórios contábeis mais utilizados e das complementares, para que os usuários das demonstrações conheçam as organizações e possam tomar suas decisões. Por este fato, torna-se indispensável para a análise das demonstrações contábeis. Esperamos que sua jornada nesta disciplina seja proveitosa e que você possa ter êxito na sua conclusão

Bons estudos!

SUMÁRIO



Notas explicativas



Procedimentos de análise



Índices financeiros, econômicos e patrimoniais - cálculo e interpretação



Outras abordagens de avaliação de desempenho econômico e financeiro

UNIDADE

NOTAS EXPLICATIVAS

Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco.
Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida.



PLANO DE ESTUDO

Plano de Estudos

- Discorrer sobre a Análise das Demonstrações Contábeis
- Apresentar a contabilidade como instrumento de geração de informações
- Abordar sobre os usuários da contabilidade
- Explicar sobre a preparação e padronização das Demonstrações Contábeis

Objetivos da Aprendizagem

- Análise das Demonstrações Contábeis
- A contabilidade como instrumento de geração de informações
- Usuários da contabilidade
- Preparação e Padronização das Demonstrações Contábeis

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), na Unidade 1, do livro da disciplina da Análise das Demonstrações Contábeis, explicaremos como que as demonstrações contábeis-financeiras podem, através da análise das informações contidas nelas, dar suporte nos processos decisórios dos usuários das informações contábeis. De acordo com Ludícibus (2010), desde os primórdios da contabilidade e da própria origem das demonstrações contábeis existia a necessidade de analisar essas demonstrações.

Discorreremos sobre a contabilidade como instrumento de geração das informações contábeis. As demonstrações contábeis apresentam centenas de números, ou seja, dados. O conjunto desses dados são transformadas em informações. Assim, essas informações, geradas pela contabilidade, representam uma comunicação que pode gerar/influenciar na tomada de decisão dos usuários da contabilidade, sejam esses usuários internos ou usuários externos.

Explicaremos os tipos dos usuários contábeis e como cada tipo de usuário contábil utiliza as informações geradas pelas demonstrações contábeis. De acordo com Comitê de Pronunciamentos Contábeis – CPC (2011a) os usuários das demonstrações contábeis são os investidores atuais e potenciais, empregados, governos e suas agências, e o público. Assim, esses usuários podem utilizar os relatórios contábeis para satisfazer algumas de suas necessidades informacionais.

Abordaremos sobre a preparação e a padronização das Demonstrações Contábeis, na qual, embora a contabilidade tem dois grupos de usuários, as demonstrações devem ser preparadas de forma que forneça informações sobre a posição patrimonial e financeira, o desempenho e as mudanças na posição financeira da entidade, que sejam úteis a um grande número de usuários em suas avaliações e tomadas de decisão econômica (CPC, 2011a).

Bons estudos!

TÓPICO

1

ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

As demonstrações contábeis são relatórios disponibilizadas pelas organizações, onde essas elaboram e evidenciam com o objetivo de divulgar os resultados contábeis, financeiros e econômicos de um determinado período. As demonstrações contábeis-financeiras fornecem dados sobre a organização, seguindo as legislações e normas contábeis. A divulgação das demonstrações contábeis-financeiras é obrigatória, como estabelece as Leis 6.404/1976, 11.678/2007 e 11.941/2009, para companhias de sociedade por ações.

Embora que para algumas organizações a divulgação é obrigatória, a elaboração das demonstrações contábeis-financeiras se faz necessário, uma vez que podem orientar os administradores, os auxiliando nas tomadas de decisões. As informações geradas pela análise das demonstrações contábeis são ferramentas utilizadas para observar a situação passada da organização, podendo ter como base para reavaliar e comparar com outros dados passados ou atuais, e que pode auxiliar no planejamento de investimentos futuros.

Segundo Matarazzo (2008) a análise das demonstrações começou com a necessidade do sistema bancário americano, uma vez que os bancos solicitavam as demonstrações contábeis das empresas que contraiam empréstimos. Essa providência tomada pelos bancos teve aceitação em 9 de fevereiro de 1895, onde o Conselho Executivo da Associação dos Bancos no Estado de New York. No passar dos anos, o sucessivo recebimento das demonstrações contábeis foi-se desenvolvendo modelos comparativos entre os itens, contas contábeis, grupos de contas, sendo o modelo mais comum a comparação entre o Ativo Circulante e do Passivo Circulante.

De acordo com Matarazzo (2008) Alexander Wall é considerado um dos precursores da análise das demonstrações, apresentando em 1919 um modelo de análise baseada em índices, levando em consideração outras relações entre as contas e grupos contábeis.

Alexander desenvolveu ainda outros modelos estruturados a partir de fórmulas matemáticas que estabelecia vários coeficientes, na qual poderiam variar dependendo do ramo de atividade exercido pela organização.

A técnica de analisar as demonstrações possui diversos usuários como: as instituições financeiras e fornecedores que necessitam avaliar as contas a receber e a pagar, identificando o risco de conceder empréstimo ou comercializar com uma determinada empresa, e os investidores que precisam decidir sobre seus investimento. Assim, pelas necessidades práticas surge a análise das demonstrações, mostrando-se uma ferramenta de grande utilidade por parte dos usuários das informações contábeis.

A análise das demonstrações, consiste num diagnóstico detalhado dos dados contábeis-financeiros que a empresa apresenta, como também das condições internas e externas que afetam a organização. Os fatores externos são de ordem política e econômica, a concorrência e entre outros. Enquanto os fatores internos, temos a estrutura organizacional, a capacidade dos gerentes e o nível tecnológico da organização. Percebe-se que todo o processo de análise das demonstrações, vai além dos dados contábeis apresentados, é necessário buscar explicações sobre o ramo de mercado em que a organização está inserida, seu porte, a demanda, a economia local, nacional ou internacional, assim como outros fatores que podem influenciar os resultados (SILVA, 2008).

Ao analisar uma demonstração contábil identificasse as partes que a configura, para interpretar os seus dados. De acordo com Ludícibus (2007) a análise da demonstração é uma técnica que possibilita extrair informações úteis dos relatórios contábeis mais utilizados e das complementares. Segundo Matarazzo (2008) a análise das demonstrações contábeis tem como objetivo extrair informações das demonstrações financeiras para que os usuários possam tomar decisões. Assim, a partir das análises, a contabilidade fornece informações analíticas e detalhadas que corrobora na leitura e a interpretação das demonstrações contábeis.

Segundo Assaf Neto (2002) a análise das demonstrações contábeis-financeiras visa apresentar a posição econômica e financeira das empresas, identificando as causas, evoluções e as tendências futuras. A partir dessa análise é possível identificar informações sobre a posição atual, anterior e posterior (projetado).

Ao analisar essas demonstrações é possível obter informações sobre a posição econômica e financeira, para que os usuários possam tomar suas decisões. De acordo com Ludícibus (2007) não existe unicamente uma maneira eficaz comprovada para relacionar os índices e obter um resultado preciso. É possível identificar variadas conclusões de diversos analistas, mesmo utilizando as mesmas informações. No entanto, é provável, que analistas que detenham conhecimento sobre o ramo de atividade da organização, cheguem a conclusões bem parecidas, mas nunca idênticas, sobre a situação da empresa, mas sempre apontando tendências diferentes.

A CONTABILIDADE COMO INSTRUMENTO DE GERAÇÃO DE INFORMAÇÕES

A principal função da contabilidade é gerar informações que possibilitem aos usuários compreender a realidade econômico-financeira da companhia, e com base nessas informações, estarem capacitados em tomar decisões. De acordo Hendriksen e Breda (1999, p.135), “a Ciência Contábil é responsável pelo processo de mensuração e comunicação da informação econômica para permitir a realização de julgamentos bem informados e a tomada de decisões por usuários da informação”.

Considera uma ciência social aplicada, a contabilidade pode ser facilmente analisada como um sistema de informação, pois contém todos os atributos de um sistema. A contabilidade tem um objetivo básico, que é fornecer informações, e ela tem elementos claros e bem definidos na forma de pessoas e equipamentos, e tem as típicas atividades de um sistema, que são a entrada, o processamento, saída e o feedback. (GLAUTIER E UNDERDOWN, 1986)

A CVM em sua Deliberação n.º 29/86 cita o papel informativo da contabilidade ao defini-la como: “Um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análises de natureza econômica, financeira, física e de produtividade com relação à entidade objeto de contabilização”.

A contabilidade funciona como um importante instrumento no processo de gestão do negócio. De acordo com Ludícibus (2008, p. 28), “O objetivo principal da Contabilidade, a partir dos relatórios gerados, é fornecer informação econômica relevante para que cada usuário possa tomar suas decisões e realizar seus julgamentos com segurança”. A Contabilidade deve fornecer todos os usuários de sua informação, permitindo a eles a

avaliação da situação econômica e financeira da organização, e também de tendências futuras, possibilitando o planejamento de suas ações.

O objetivo básico da Contabilidade, pode ser resumido no fornecimento de informações econômicas para os vários usuários, de forma que auxilie em suas decisões e atenda de forma geral as necessidades específicas que cada usuário possui. Dessa maneira, a alternativa é formar um arquivo-base de informação contábil capaz de fornecer saídas, periodicamente, de utilidade para as metas de maior número possível de usuários na qual se caracteriza a partir dos relatórios e demonstrações contábeis.

De acordo com o CPC 00 – R1 (2011), a informação contábil-financeira deve ser útil, e para isso, ela precisa possuir características qualitativas fundamentais e características qualitativas de melhoria. Essas características garantem que a informação contábil-financeira seja relevante e representando com fidedignidade o que se propõe a representar. A utilidade da informação contábil-financeira será melhorada se ela for comparável, verificável, tempestiva e compreensível.

De acordo com Ching (2006), o objetivo principal da informação contábil é auxiliar os usuários da contabilidade seja, dentro ou fora das organizações, a tomar decisões. Qualquer das medidas que afetam a companhia devem ser analisadas com ponderação pela organização. Neste contexto, a informação contábil gerencial exerce um papel essencial, pois é designada para atender as necessidades de planejamento, controle e avaliação de desempenho. Assim, não se prende somente a números e medidas financeiras, mas considera informações físicas e operacionais da companhia.

Ainda segundo o CPC 00 – R1 (2011), as demonstrações contábeis também tem como objetivo apresentar os resultados da atuação da Administração na gestão da entidade e sua capacitação na prestação de contas quanto aos recursos que lhe foram confiados. Assim, aqueles usuários que desejam avaliar e verificar a atuação da Administração podem utilizá-las em condições de tomar decisões econômicas, podendo decidir sobre manter ou vender seus investimentos na companhia, ou dar continuidade, ou substituir a Administração.

As demonstrações contábeis elaboradas para os usuários externos, ou seja, que precisam ser divulgadas pelas companhias de sociedade por ações, são elaboradas dentro do que prescreve a Estrutura Conceitual do CPC 00 – R1 (2011), proporcionando informações que sejam úteis na tomada de decisões econômicas e avaliações por parte dos usuários em geral, não tendo o propósito de atender finalidade ou necessidade específica de determinados grupos de usuários.

USUÁRIOS DA CONTABILIDADE

Conforme abordado anteriormente, existem diversos usuários das informações, cada um com uma necessidade diferente. Além disso, as informações requeridas pelos usuários variam de acordo com o nível em que decisões são tomadas. Isso gera uma situação onde obriga os profissionais contábeis em adotar um comportamento capaz de trabalhar com todo e qualquer usuário e suas especificidades. De acordo com o NBC T1 (2011) entre os usuários das demonstrações contábeis incluem-se investidores atuais e potenciais, empregados, credores por empréstimos, fornecedores e outros credores comerciais, clientes, governos e suas agências e o público. Eles usam as demonstrações contábeis para satisfazer algumas das suas diversas necessidades de informação. Essas necessidades incluem:

- (a) Investidores. Os provedores de capital de risco e seus analistas que se preocupam com o risco inerente ao investimento e o retorno que ele produz. Eles necessitam de informações para ajudá-los a decidir se devem comprar, manter ou vender investimentos. Os acionistas também estão interessados em informações que os habilitem a avaliar se a entidade tem capacidade de pagar dividendos.
- (b) Empregados. Os empregados e seus representantes estão interessados em informações sobre a estabilidade e a lucratividade de seus empregadores. Também se interessam por informações que lhes permitam avaliar a capacidade que tem a entidade de prover sua remuneração, seus benefícios de aposentadoria e suas oportunidades de emprego.
- (c) Credores por empréstimos. Estes estão interessados em informações que lhes permitam determinar a capacidade da entidade em pagar seus empréstimos e os correspondentes juros no vencimento.
- (d) Fornecedores e outros credores comerciais. Os fornecedores e outros credores estão interessados em informações que lhes permitam avaliar se as importâncias que lhes são devidas serão pagas nos respectivos vencimentos. Os credores comerciais provavelmente estão interessados em uma entidade por um período menor do que os credores por empréstimos, a não ser que dependam da continuidade da entidade como um cliente importante.

- (e) Clientes. Os clientes têm interesse em informações sobre a continuidade operacional da entidade, especialmente quando têm um relacionamento a longo prazo com ela, ou dela dependem como fornecedor importante.
- (f) Governo e suas agências. Os governos e suas agências estão interessados na destinação de recursos e, portanto, nas atividades das entidades. Necessitam também de informações a fim de regulamentar as atividades das entidades, estabelecer políticas fiscais e servir de base para determinar a renda nacional e estatísticas semelhantes.
- (g) Público. As entidades afetam o público de diversas maneiras. Elas podem, por exemplo, fazer contribuição substancial à economia local de vários modos, inclusive empregando pessoas e utilizando fornecedores locais. As demonstrações contábeis podem ajudar o público fornecendo informações sobre a evolução do desempenho da entidade e os desenvolvimentos recentes. (CFC n.º 1.374/09)

Assaf Neto (2012) complementa dizendo que até os próprios administradores têm interesse em conhecer os resultados de sua empresa de forma mais clara e detalhada, pois através das análises é possível acompanhar os resultados e auxiliar nas tomadas de decisões. Ludícibus (2008) afirma que, se uma boa análise de balanços é importante para banqueiros e investidores, para os gestores das empresas é ainda mais importante, a diferença está no enfoque dos detalhes de cada análise. Através das análises, é possível construir diversos indicadores financeiros auxiliando na avaliação do progresso ou declínio da companhia. De acordo com Freitas e Kladis (1995) os gerentes nos níveis operacionais necessitam de informações detalhadas, precisas e atuais sobre a empresa, enquanto os gerentes de níveis estratégicos necessitam de informações resumidas, geralmente em tabelas e gráficos, com um contexto em que a organização está inserida. Os gerentes de níveis táticos, por sua vez, possuem a necessidade de informações com características que se situem entre os níveis operacionais e estratégicos.

Segundo Begalli e Perez (2009) a análise das demonstrações contábeis é considerada essencial para os usuários do sistema de informações, pois a partir dela atendam seus interesses específicos, no qual a partir dos relatórios contábeis verificar se a empresa analisada tem condições de ser financiada e por quanto tempo; se esses usuários são os seus credores; se vale a pena comprar ações da empresa ou investir na empresa; se o usuário é o investidor; se o desempenho da direção e da gerência da empresa é satisfatório e os resultados são favoráveis; se o usuário é o acionista controlador; enfim, como anda a saúde econômica e financeira da empresa, utilizando-se do processo de análise.

As informações contábeis são necessárias para todo tipo de organização, inclusive para as PME's (Pequenas e Médias empresas). Quando essas informações não são consideradas ou não utilizadas por parte da empresa, ou a ausência de assessoria de um profissional de contabilidade, são apontadas como fatores condicionantes da mortalidade precoce de empreendimentos. Desta maneira, não basta apenas a geração

de informações, é necessário direcioná-las à pessoa certa, no momento certo. (SALES *et al.*, 2011; SILVA *et al.*, 2010)

Dias Filho e Nakagwa (2001) citam que a preocupação com a linguagem contábil tende a aumentar na medida em que o conjunto de agentes interessados em informações contábeis aumenta, ocasionando a incorporação de elementos e características bem diversificadas em relação aos tradicionais. Como exemplo, temos: organizações não governamentais voltadas para a proteção ambiental e para a defesa dos direitos humanos, associações comunitárias, agremiações políticas e até mesmo o cidadão que, individualmente, pode se interessar por informações de natureza contábil para fazer julgamentos acerca do desempenho das empresas e de suas relações com a sociedade. Com o progresso da tecnologia da informação e a consequente diminuição de barreiras geográficas, deverão surgir novas categorias de usuários, exigindo-se cada vez mais aprimoramento no processo da comunicação contábil.

PREPARAÇÃO E PADRONIZAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Conforme o Comitê de Pronunciamento Contábil (CPC) 26 R1 – (2011), as demonstrações contábeis são uma representação estruturada da posição patrimonial e financeira e do desempenho da entidade. O objetivo das demonstrações contábeis é o de proporcionar informação acerca da posição patrimonial e financeira, do desempenho e dos fluxos de caixa da entidade que seja útil a um grande número de usuários em suas avaliações e tomada de decisões econômicas. As demonstrações contábeis também objetivam apresentar os resultados da atuação da administração na gestão da entidade e sua capacitação na prestação de contas quanto aos recursos que lhe foram confiados. As demonstrações contábeis devem representar apropriadamente a posição financeira e patrimonial, o desempenho e os fluxos de caixa da entidade. Para apresentação adequada, é necessária a representação confiável dos efeitos das transações, outros eventos e condições de acordo com as definições e critérios de reconhecimento para ativos, passivos, receitas e despesas como estabelecidos na estrutura conceitual para a elaboração e apresentação das demonstrações contábeis.

Para que se faça uma boa análise das demonstrações contábeis, Marion (2009) faz algumas sugestões: preparar as demonstrações contábeis, ou seja, reclassificar os itens de maneira mais adequada, mesmo que já tenha um padrão definido, é preciso dar um tratamento mais rigoroso na hora de se fazer uma análise. A técnica de análise das demonstrações contábeis se utiliza fundamentalmente do Balanço Patrimonial (BP) e da Demonstração do Resultado (DR) e apenas complementarmente as demais Demonstrações Contábeis. Matarazzo (2008), ressalta que, as demonstrações financeiras fornecem uma série de dados sobre a empresa, de acordo com regras contábeis. Assim, a análise das

demonstrações transforma esses dados em informações e será tanto mais eficiente quanto melhores informações produzir.

As demonstrações contábeis no Brasil têm como base a Lei n.º 6.404/76 e alterações. A Lei n.º 11.638, de 2007, apresentou relevantes atualizações na maneira de registrar as informações financeiras. Já a Lei n.º 11.941/09 trouxe significantes contribuições na legislação contábil brasileira a fim de introduzi-la no contexto mundial. O Brasil busca transformar os balanços das empresas tornar mais claros e com informações relevantes aos usuários com o objetivo de adequar aos padrões contábeis internacionais (ASSAF NETO; LIMA, 2014). De acordo com a CPC 26 – (2011), o conjunto completo das demonstrações contábeis inclui:

- a) balanço patrimonial ao final do período;
- b) demonstração do resultado do período;
- c) demonstração do resultado abrangente do período;
- d) demonstração das mutações do patrimônio líquido do período;
- e) demonstração dos fluxos de caixa do período;
- f) demonstração do valor adicionado do período, se exigido legalmente ou por algum órgão regulador, ou mesmo se apresentada voluntariamente;
- g) notas explicativas, compreendendo as políticas contábeis significativas e outras informações elucidativas;
- h) informações comparativas com o período anterior, conforme especificado;
- i) balanço patrimonial do início do período mais antigo, comparativamente apresentado, quando a entidade aplica uma política contábil retrospectivamente ou procede à reapresentação retrospectiva de itens das demonstrações contábeis, ou quando procede à reclassificação de itens de suas demonstrações contábeis.

Com base na CPC 26 (R1) - 2011, cada uma das demonstrações contábeis tem a sua função, fornecendo as distintas informações para os usuários.

QUADRO 1: INFORMAÇÕES APRESENTADAS PELAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS

Demonstrações Contábeis	Informações fornecidas
BP	Demonstra a posição dos ativos, passivos e patrimônio líquido em certo período
DR	Apresenta as receitas e despesas incorridas pela empresa no ano
DMPL	Verifica as variações do grupo do patrimônio líquido em determinado exercício
DLPA	Revela a posição da conta, lucros ou prejuízos acumulados em determinado ano
DFC	Expõe as movimentações financeiras de caixa que aconteceram no exercício
DVA	Retrata o valor da riqueza gerada pela empresa no período e sua distribuição

Fonte: Adaptado de Assaf Neto e Lima (2017).

Desta maneira, conforme apresentado no Quadro 1, nota-se que cada uma das demonstrações contábeis proporciona distintas informações, permitindo para os administradores o conhecimento da estrutura de ativos, passivos, das receitas, despesas, bem como os lucros, analisando a situação da empresa em determinado exercício.

A reestruturação do balanço e da Demonstração do Resultado (DR) facilita a aplicação de fórmulas para cálculos e, simplifica a quantidade de dados para serem interpretados e analisados. A partir do momento em que as Demonstrações Contábeis estiverem prontas, ou seja, padronizadas, é possível dar início a análise através dos índices. A utilização das demonstrações faz maior sentido quando se mede o desempenho da empresa, como a capacidade de solver seus compromissos, grau de risco e lucratividade ou rentabilidade.

A situação patrimonial e financeira de uma organização em certo momento é evidenciada no balanço patrimonial, a informação apresentada nesse demonstrativo é estático e certamente depois de algum tempo de seu encerramento sua estrutura estará diferente (ASSAF NETO, 2012).

A estrutura do balanço patrimonial é representada no Quadro 2:

QUADRO 2: BALANÇO PATRIMONIAL

Ativo	Passivo e Patrimônio Líquido
1. Ativo Circulante	4. Passivo Circulante
2. Ativo Não Circulante	5. Passivo Não Circulante
2.1 Realizável a Longo Prazo	6. Patrimônio Líquido
2.2 Investimentos	6.1 Capital Realizado
2.3 Imobilizado	6.2 Reservas de Capital
2.4 Intangível	6.3 Ajustes de Avaliação Patrimonial
	6.4 Reservas de Lucros
	6.5 Ações em Tesouraria (-)
	6.6 Prejuízos Acumulados (-)

Fonte: Adaptado CPC 26(2011)

De acordo com o Quadro 2, o balanço patrimonial é estruturado em ativo, que são os bens e direitos da empresa, o passivo que são as obrigações que a empresa possui com terceiros e com os sócios apresentado no patrimônio líquido. O principal objetivo do balanço patrimonial é de evidenciar o conjunto patrimonial de uma empresa (PADOVEZE; BENEDICTO, 2007).

O balanço patrimonial é separado em três tópicos: ativo, passivo e patrimônio líquido. O ativo está dividido em circulante que contém os caixas e equivalentes de caixa,

contas a receber, estoques, compreende contas que estão constantemente em giro (em movimento), sua conversão em dinheiro ocorrerá no máximo até o próximo exercício social. Também está dividido em não circulante que são todos os valores ativos no qual o prazo de realização exceder o final do próximo exercício, é constituído por ativo realizável a longo prazo, investimentos, imobilizado e intangível, compreende todas as contas do Ativo que não tenham seus recebimentos marcados até o próximo exercício social ou que não estão à venda. (MARQUES; CARNEIRO JÚNIOR; KUHL; 2008).

O passivo está dividido também em circulante e não circulante que contém as obrigações, dívidas, riscos, o passivo circulante evidencia todas as dívidas com terceiros que serão pagas a curto prazo: dívidas com fornecedores de mercadorias, salários a pagar, empréstimos bancários a pagar, encargos a pagar, etc. No Passivo Não Circulante as obrigações cujos vencimentos ocorram após o término do exercício social seguinte ao do balanço. Marion (2009, p. 72) define: “Este grupo é composto principalmente do Exigível a Longo que compreende as obrigações com terceiros que serão liquidadas a longo prazo.

O Patrimônio Líquido, os subgrupos, Capital Social constituídos pelo capital inicial dos sócios ou subscrições futuras, as reservas constituídas por força de lei ou instituídas em assembleias, ações em tesouraria que correspondem a ações da própria empresa adquiridas pela mesma e Prejuízos Acumulados, que corresponde aos prejuízos apurados pela empresa no exercício atual ou em exercícios anteriores, além serem compensados ou assumidos pelos sócios. No entendimento de Marion (2009, p.78): “São recursos dos proprietários aplicados na empresa. Os recursos significam o capital mais o seu rendimento (lucros e reservas) ou menos os prejuízos.

Enquanto o Balanço Patrimonial é uma demonstração por finalidade, apresentar a posição contábil, financeira e econômica de uma organização, representando uma posição estática em determinada data, a Demonstração do Resultado (DR) objetiva apurar quanto a empresa ganhou ou perdeu no decorrer dos seus negócios, ou seja, verificar se houve lucro ou prejuízo. A DR compreende as receitas, despesas, os ganhos e as perdas em seu regime de competência, independente, de recebimentos e pagamentos (ASSAF NETO; LIMA, 2014). A demonstração do resultado do exercício tem grande relevância para a análise econômica e financeira da empresa, evidencia os fatores que influenciaram a empresa a obter lucro ou prejuízo no exercício, possibilitando a tomada de decisões. A estrutura da Demonstração do Resultado é apresentada no Quadro 3:

QUADRO 3: DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO

Demonstração do Resultado
1.Receita Operacional Bruta/ Receita Bruta de Vendas
2. (-) Deduções – devoluções, abatimentos, descontos incondicionais ou comerciais concedidos e impostos incidentes sobre a venda.
3.Receita Operacional Líquida/Receita Líquida de Vendas
4.Custo das Mercadorias Vendidas/ Custo do Produto Vendido/ Custo do Serviço Prestado
5.Resultado Operacional Bruto, Lucro ou Prejuízo Bruto
6. (-) Despesas Operacionais – com as vendas, as despesas gerais e administrativas, e outras despesas/receitas operacionais
7. Resultado antes das despesas e receitas financeiras
8. (+/-) despesas receitas financeiras
9. Resultado antes dos tributos sobre o lucro resultado
10. (-) Provisão para o IR e CSLL
11. Resultado Líquido das operações em Continuidade
12. Operações Descontinuadas
12.1 (+/-) Resultado Líquido das operações descontinuadas
13. (-) Participações e Contribuições – Debêntures, Empregados, Administradores, Partes Beneficiárias e as Contribuições para Fundos de Assistência ou Previdência de Empregados
14. Resultado Líquido do Exercício
15. Resultado por Ação ou Quota do Capital Social

Fonte: Adaptado CPC 26(2011)

Conforme demonstrado no Quadro 3, através da demonstração do resultado do exercício, é possível saber se o exercício teve lucro ou prejuízo e verificar como ocorreu esse resultado. A DRE apresenta como característica trazer em suas contas de receitas e despesas o valor acumulado do período, possibilita acompanhar como formou o resultado, assim como a apuração de resultados parciais que demonstram relevância para a análise de desempenho (SAPORITO, 2015).

A DLPA é um elo entre o balanço patrimonial e a demonstração dos resultados do exercício (DRE). Que visa demonstrar a movimentação da conta lucros ou prejuízo acumulado. A DMPL é um demonstrativo mais completo, visto que as movimentações de todas as contas do patrimônio líquido são evidenciadas durante o exercício social. A DMPL pode substituir as demonstrações de lucros ou prejuízos acumulados. Sobre a DLPA, Assaf Neto (2012, p. 78) afirma que a Demonstração das Mutações do Patrimônio Líquido é mais abrangente que a Demonstração dos Lucros ou Prejuízos Acumulados, assim a sociedade pode decidir por sua elaboração ou não. Se a DMPL for divulgada, esse demonstrativo substitui legalmente a DLPA. A Demonstração das Mutações Patrimoniais abrange todas as contas do patrimônio líquido, identificando os fluxos ocorridos entre uma conta e outra, e as variações (acréscimos e diminuições) verificadas no exercício. A DLPA é um demonstrativo que mostra todas as alterações no saldo da conta, prejuízos ou lucros acumulados no Patrimônio Líquido, não divididos entre os acionistas ou sócios. Já a DMPL é mais completa que a DLPA e por isto pode incorporá-la. Essa tem várias semelhanças com a DLPA, porém é mais elaborada, uma vez que, mostra claramente as movimentações (acréscimos, diminuições ou perdas) ocorridas nas contas que formam o Patrimônio Líquido, inclusive de uma conta para outra.

A Demonstração do Fluxo de Caixa (DFC) passou a ser obrigatório pela lei n.º 11.638/07 para as companhias abertas, companhias de grande porte, e sociedades anônimas de capital fechado com patrimônio líquido superior a R\$ 2 milhões. De acordo com Assaf Neto (2012, p. 84) a DFC permite a análise, principalmente a capacidade da empresa em honrar seus compromissos financeiros, gerar resultados de caixas futuros, e sua liquidez e solvência financeira. As informações apresentadas na DFC, quando utilizadas conjuntamente com as informações das outras demonstrações contábeis, poderão auxiliar os usuários na avaliação da capacidade da empresa de gerar fluxos de caixa positivos, visando atender às suas obrigações e os dividendos aos acionistas. A DFC pode ser apresentada em duas formas: o método direto que é aquele que evidencia todos os pagamentos e recebimentos decorrentes das atividades operacionais da empresa, devendo apresentar os componentes do fluxo por seus valores brutos e o método indireto que consiste na demonstração dos recursos provenientes das atividades operacionais a partir do lucro líquido, ajustados pelos itens que afetam o resultado (tais como depreciação, amortização e exaustão), mas que não modificam o caixa.

A Lei 11.638/07 tornou a Demonstração do Valor Adicionado (DVA) obrigatória para empresas de capital abertas. Assim se tornou obrigatória a divulgação da riqueza produzida e a sua distribuição entre os sócios, acionista, governo e outros, sendo a DVA umas das peças fundamentais para o balanço social. A Demonstração do Valor Adicionado (DVA), por

se tratar de um demonstrativo contábil que evidencia, de forma sintética, os valores relativos à formação da riqueza gerada pela empresa em dado período de tempo e sua respectiva distribuição, tal riqueza é calculada a partir da diferença entre o valor de sua produção e dos bens e serviços produzidos por terceiros utilizados no processo de produção da empresa.

Como já expressado anteriormente, a análise das demonstrações contábeis se utiliza fundamentalmente do Balanço Patrimonial e da Demonstração do Resultado, apenas complementarmente as demais Demonstrações Contábeis, pois a partir dessas duas demonstrações é possível extrair os principais índices e indicadores sobre a organização. De acordo com Matarazzo (2008) as demonstrações contábeis-financeiras, mesmo que estejam publicadas seguindo as normas contábeis de contabilidade, precisam ser padronizadas, tendo suas contas reclassificadas/condensadas para que possam ser analisadas. Matarazzo (2015) faz uma analogia, explicando que “as demonstrações contábeis-financeiras devem ser preparadas para análise, da mesma forma que um paciente que vai submeter-se a exames médicos”.

A partir da padronização das demonstrações contábeis na estrutura que o analista deseja, é também considerado aspectos internos e externos como cita Padoveze (1997). Assim, é necessário que seja levado em conta o aspecto interno, no que se trata da parte cultural da empresa (organização familiar, profissional ou mista), do tipo de organização e a capacidade da empresa em enfrentar os desafios, o custo do dinheiro e os custos próprios para captação de recursos. E nos aspectos externos consideram-se as questões relacionadas com a economia nacional e internacional e suas influências no mercado interno, grau de suscetibilidade da empresa à inflação, à recessão, ao câmbio, às altas taxas de juros, as pressões sociais, ramo de negócios da empresa, potencial tecnológico e financeiro e reflexos das políticas governamentais.

A padronização é feita por alguns motivos, com o objetivo de sempre facilitar a análise, segundo Matarazzo (2008), os principais motivos são:

- **Simplificação:** Um balanço apresentado segundo a Lei das S.A., por exemplo, compreende cerca de 60 contas. Isso dificulta a visualização do balanço como um todo. Quando se colocam lado a lado três balanços com 60 valores cada um e se calculam os percentuais de variação de um ano para outro, bem como a composição percentual de cada balanço, chega-se a 540 números, o que complica enormemente o trabalho de um analista. A padronização visa reduzir a quantidade de contas expressadas na demonstração, deixando em grandes grupos.
- **Comparabilidade:** Com exceção das companhias que operam num ramo onde existe um plano de contas legal obrigatório (bancos, seguradoras, etc.), toda empresa tem seu próprio plano de contas, com maior ou menor grau de detalhes e com títulos de contas em que é difícil descobrir a origem. Como a análise se baseia em comparação, só faz sentido analisar um balanço após o seu enquadramento num modelo que permita comparação com outros

balanços. Esse ponto é altamente recomendável até mesmo no CPC 00 (2011), para que a informação contábil possua qualidade aos usuários.

- **Adequação aos objetivos da análise:** Algumas contas no momento da análise das demonstrações necessitam ser reclassificadas para que não inviabilize ou indique informações e índices falsos sobre a organização.

- **Precisão nas classificações de contas:** É frequente encontrarem-se balanços e demonstrações de resultados com falhas nas classificações de contas, na qual podemos citar: Investimentos de caráter permanente que aparecem no Ativo Circulante; Gastos indevidamente lançados como Ativo Intangível quando deveriam fazer parte das despesas ou perdas do exercício; Empréstimos de curto prazo que aparecem no Exigível a longo prazo. O principal objetivo de tudo isso, é fraudar as demonstrações para que possam apresentar maior saúde financeira. Se o analista conhecer os principais itens de manipulação dos balanços, desconfiará das contas citadas e solicitará esclarecimentos à empresa em análise. Dessa maneira, a padronização rigorosa deve corrigir isso.

- **Descoberta de erros:** É também possível a presença de erros, intencionais ou não, nas demonstrações contábil-financeira. Tomemos como exemplo: Estoques finais ou iniciais da Demonstração do Resultado não coincidem com os estoques dos balanços; Provisão para devedores duvidosos do balanço não coincide com a que foi constituída na Demonstração de Resultados. Nesses casos, deve-se desconfiar da veracidade das demonstrações financeiras e suspender a análise até que se esclareçam as dúvidas.

- **Intimidade do analista com as demonstrações contábeis da empresa:** A padronização obriga o analista a pensar em cada conta das demonstrações financeiras e a decidir sobre sua consistência com outras contas, sobre a classificação que deve realizar, enquanto a transcreve para o modelo predefinido de padronização. Ao terminar seu trabalho, o analista adquire grande familiaridade com os números da empresa e poderá enxergar detalhes que, de outra forma, não conseguiria ver.

Assim, a partir dos modelos de padronização espera-se que as demonstrações contábeis-financeiras e os relatórios apresentem algumas características em comum, segundo Matarazzo (2008):

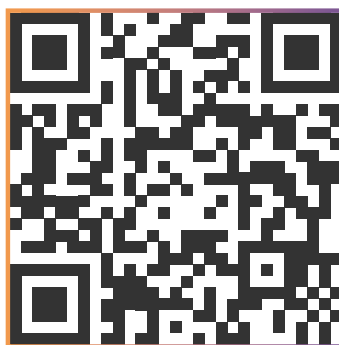
- O Ativo e o Passivo apresentam apenas contas essenciais.
- O Ativo Circulante é dividido em Operacional e Financeiro
- O Passivo Circulante é dividido em Operacional e Financeiro
- No lado do Passivo, acha-se um subtotal representado por Capitais de Terceiros (Passivo Circulante + Passivo Não Circulante).
- No Patrimônio Líquido aparecem apenas o “Capital Social” já deduzidos de eventuais “Capital a Realizar” e somado às Reservas.
- A Demonstração de Resultado evidencia apenas os valores fundamentais para análise, já considerando a correção integral em dólares.
- A Receita Líquida de Vendas está deduzida das Devoluções e Abatimentos e Impostos.
- As Receitas e Despesas Financeiras estão líquidas dos efeitos inflacionários.



SAIBA MAIS

Fundamentus é um sistema on-line que disponibiliza informações financeiras e fundamentalistas das empresas com ações listadas na Bovespa. Eles possuem um completo banco de dados apresentado de forma acessível para auxiliar o investidor a encontrar as melhores opções de investimento, juntamente com índices e indicadores financeiros.

Saiba mais acessando: <https://www.fundamentus.com.br/>



REFLITA

A análise contábil é um dos pontos mais importantes para investidores e empreendedores, independentemente do tamanho da empresa. Diferente do que muitos pensam, não é difícil elaborar, com um pouco de organização das informações em planilhas já é possível realizar algumas análises, que ajudará o gestor a refletir e tomar decisões sobre seus negócios.

Fonte: elaborado pelos autores (2019)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro estudante nesta Unidade verificamos que a contabilidade disponibiliza dados gerados pela contabilização dos eventos, esses dados tornam-se informações, uma vez que são geradas as demonstrações contábeis. Essas informações são utilizadas nas tomadas de decisões por vários usuários das demonstrações contábeis-financeiras, dentre os usuários das demonstrações incluem-se investidores atuais e potenciais, empregados, credores por empréstimos, fornecedores e outros credores comerciais, clientes, governos e suas agências e o público, cada qual com sua necessidade informacional. Abordamos sobre a análise das demonstrações contábeis, que é uma das ferramentas mais utilizadas pelos usuários da contabilidade, pois visa relatar a posição econômica e financeira atual das empresas, identificando as causas, evoluções e as tendências futuras. A partir dessa análise é possível extrair informações sobre a posição atual, anterior e posterior. E por fim explicamos a importância da padronização e preparação das demonstrações contábeis, para que os usuários possam analisá-las.

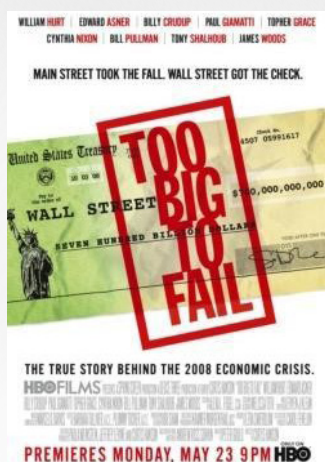
Na próxima unidade veremos os procedimentos da análise das demonstrações, a definição de objetivo, definição de metodologia, coleta e análise de dados.

MATERIAL COMPLEMENTAR



LIVRO

- **Título:** Mercado de Valores Mobiliários Brasileiro
- **Ano:** 2012
- **Editora:** Comissão de Valores Mobiliários
- **Sinopse:** O livro “Mercado de Valores Mobiliários Brasileiro” aborda de forma didática as principais características do mercado de valores mobiliários brasileiro, sua relação com o Sistema Financeiro Nacional, os ativos negociados, seus emissores, seu funcionamento e os participantes envolvidos. Este livro contou, para a sua elaboração, com a participação de todas as instituições que fazem parte do Comitê Consultivo de Educação
- **Link do site:** <https://www.investidor.gov.br/portaldoinvestidor/export/sites/portaldoinvestidor/publicacao/Livro/LivroTOP-CVM.pdf>



FILME/VÍDEO

- **Título:** Grande Demais Para Quebrar (Too Big To Fail)
- **Ano:** 2011
- **Sinopse:** O banqueiro Richard Fuld, entre março e outubro de 2008, em meio a conversas com personalidades como Hank Paulson (secretário do Tesouro estadunidense), Ben Bernanke e Tim Geithner tenta salvar o Lehman Brothers. Durante as negociações, buscava-se uma solução privada envolvendo banqueiros de investimento e membros do Congresso para preservar a empresa sediada em Nova York.



FILME/VÍDEO

- **Título:** Os 3 Piores Conselhos Sobre Dinheiro
- **Ano:** 2017
- **Sinopse:** O vídeo a seguir demonstra através de uma palestra ministrada por Thiago Nigro, os 3 dos piores conselhos que nós sempre recebemos:
 1. Invista na poupança porque lá é mais seguro;
 2. Compre o seu próprio imóvel porque ele é mais seguro;
 3. Tenha o seu próprio carro porque ele é SEU e você fica mais seguro
- **Link de acesso:** <https://www.youtube.com/watch?v=OXzqGuZ-DeU>

UNIDADE

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco.
Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida.



PLANO DE ESTUDO

Plano de Estudos

- Discorrer sobre os procedimentos de análise
- Abordar como ocorre a coleta dos dados para a análise.
- Apresentar os métodos mais utilizados na análise de dados.

Objetivos da Aprendizagem

- Procedimentos para análise das demonstrações
- Métodos para análise de dados

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), na Unidade 2, do livro da disciplina da Análise das Demonstrações Contábeis, discorreremos sobre os procedimentos para analisar as demonstrações contábeis. A análise das demonstrações exige uma preparação preliminar das demonstrações, onde o processo de análise deve seguir uma sequência que permite o analista desenvolver seu trabalho com eficiência. Abordaremos como funciona a coleta de dados para analisar as demonstrações contábeis, a forma de coletar a documentação para utilizar na análise pode variar de acordo com algumas circunstâncias. O objetivo da análise influencia na coleta dos dados e informações, uma vez que o analista poderá necessitar de mais informações, eliminando etapas ou expandindo-as na área de análise. E por fim apresentaremos alguns dos tipos e métodos mais utilizados na análise das demonstrações. A análise das demonstrações contábeis não se referem apenas a cálculos de determinados índices e padronizações. A interpretação dessas informações é muito importante e é sempre necessário dispor de outras informações/demonstrações para comparação. Dentre os tipos e métodos de análises, pode-se citar, a análise vertical, análise horizontal, o método de análise por quociente, análise baseada nos índices que se trata da relação entre contas e grupos de contas de uma ou mais demonstrações financeiras que busca dar uma visão geral da situação econômica e financeira de um empresa. E os indicadores que visam medir o desempenho da empresa no que se refere a liquidez, ciclo operacional, grau de endividamento, rentabilidade e atividade. O cálculo é feito com base nas informações financeiras apresentadas no Balanço Patrimonial e na Demonstração do Resultado da empresa.

Bons estudos!



TÓPICO

1

PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES

Para que os usuários das demonstrações contábeis possam realizar suas análises, o primeiro passo que deve ser seguido, conforme abordado na Unidade 1, é a padronização das demonstrações contábeis. De acordo com Silva (2008) a padronização tem por finalidade levar os grupos, subgrupos e contas a um padrão que atenda aos regimes técnicos internos da empresa ou do profissional que está elaborando a análise, de acordo com seus objetivos. A padronização das demonstrações pode parecer excessivo, devido à quantidade de normas, leis e regras que as demonstrações devem seguir, porém, cada análise é desenvolvida com um objetivo específico, devendo o procedimento de padronização orientar a análise das demonstrações, para que assim atenda às políticas internas da companhia. As análises podem decorrer de diversos fatores como: objetivo de análise, tamanho da empresa, tipos de investimentos, tempo e risco de investimento, concorrência, fusões, incorporações entre outros.

Segundo Silva (2008) as exigências externas, da normatização e legislação contábil, visando regulamentar o procedimento, é fundamental para que possam transmitir segurança ao analista quanto às técnicas adotadas pela organização no momento de elaborar as demonstrações contábeis. O analista tem como responsabilidade interpretar as informações disponíveis e emitir seu parecer sobre determinada organização. Assim, caso as demonstrações contábeis não estiverem devidamente adequadas para a análise, deverá ser realizadas alguns ajustes e reclassificações a fim de adaptar as demonstrações.

Uma análise eficiente necessita das demonstrações contábeis de ao menos três (3) períodos, podendo eventualmente utilizar dois (2) períodos, assim será capaz comparar por meio de colunas. Juntamente com as principais demonstrações a serem analisadas se

faz necessário a utilização das notas explicativas. O analista deve-se atentar ao parecer da auditoria, no qual reforça a informação fidedigna divulgada pela companhia através de suas demonstrações. Na falta desse parecer da auditoria, é recomendado uma análise prudente e conservadora.

A análise das demonstrações exige uma preparação preliminar das demonstrações, Silva (2008) orienta que o processo de análise deve obedecer a seguinte sequência:

- a) Coletar a documentação para análise.
- b) Conferir a documentação recebida.
- c) Preparar, ler e padronizar as demonstrações contábeis.
- d) Realizar os cálculos dos indicadores.
- e) Elaborar relatórios.
- f) Analisar os indicadores e relatórios.
- g) Elaborar o parecer para concluir a análise.

A forma de coletar a documentação para utilizar na análise diferencia de acordo com algumas circunstâncias. As companhias de capital aberto, por exemplo, devem divulgar as demonstrações contábeis, publicando-as em seus sites nas seções RI (Relações com Investidores). Outra forma de encontrar as demonstrações são pelos sites da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e na Brasil, Bolsa e Balcão (B3). Algumas empresas divulgam suas demonstrações a fim de informar ao público interessado sobre seus resultados, planos e expectativas. Outras empresas publicam as demonstrações contábeis apenas devido às normas e leis que a regem. O analista que for estudar e analisar uma empresa de capital aberto terá facilidade na obtenção de dados. No caso de empresas que não são obrigadas a publicar as demonstrações contábeis, o analista precisará de uma razão para solicitar os dados e informações. O objetivo da análise influencia na coleta dos dados e informações, uma vez que o analista poderá necessitar de mais informações, eliminando etapas ou expandindo-as na área de análise. (SILVA, 2008)

Ao receber as demonstrações contábeis deve ser cauteloso quanto a qualidade da documentação, seja das pequenas e médias empresas, quanto das grandes empresas. Algumas das irregularidades que pode ser encontrado nas demonstrações são: Falta de documentação e identificação sobre empresa nas demonstrações, somente os números; Falta de assinatura ou o registro profissional no Conselho Regional de Contabilidade do contador responsável; Falta de assinatura do responsável pela organização; Demonstrações incompletas, ou excessivamente sintéticos; Recebimento de balancetes sem apuração

de estoques e do custo da mercadoria/produto vendido; Divergência entre os totais de Ativo e do Passivo mais o Patrimônio Líquido; Falta do parecer da auditoria em sociedades anônimas; e Divergência entre versões de demonstrações contábeis.(SILVA, 2008)

Conforme apresentado na Unidade I, a reclassificação e a padronização das demonstrações contábeis tem como objetivo buscar um padrão de procedimentos e organização na distribuição de contas, diminuindo as diferenças dos critérios utilizados entre as empresas na apresentação/elaboração das demonstrações contábeis. Outro objetivo é trazer homogeneidade, simplificando o entendimento das demonstrações contábeis, independentemente da empresa e seus procedimentos na elaboração das demonstrações.

Com as alterações na estrutura do balanço patrimonial e das demonstrações de resultado, decorrente das leis 11.638/07 e 11.941/09, a necessidade de reclassificação das contas foram minimizadas. Assim, antecedendo os cálculos dos quocientes é necessário examinar todos os itens das demonstrações contábeis e reclassificar as contas, caso necessário, para espelhar de forma fidedigna a situação patrimonial da empresa.

A seguir estão disponíveis um modelo de padronização das contas do Balanço Patrimonial e das Demonstrações do Resultado que pode ser utilizado para análise:

QUADRO 1: BALANÇO PATRIMONIAL PADRONIZADO

BALANÇO PATRIMONIAL PADRONIZADO			
CONTAS	20x9	20x8	20x7
	R\$	R\$	R\$
ATIVO			
ATIVO CIRCULANTE			
Disponível			
Aplicações Financeiras			
Clientes			
Estoques			
Outros valores a receber			
ATIVO NÃO CIRCULANTE			
Realizável a Longo Prazo			
Investimentos			
Imobilizado			
Intangível			
TOTAL DO ATIVO			

PASSIVO			
PASSIVO CIRCULANTE			
Fornecedores			
Outras obrigações			
Empréstimos			
Duplicatas Descontadas			
PASSIVO NÃO CIRCULANTE			
Empréstimos			
Financiamentos			
Outras Obrigações			
PATRIMÔNIO LÍQUIDO			
Capital Social			
Reservas			
(-) Prejuízos Acumulados			
TOTAL DO PASSIVO + PATRIMÔNIO LÍQUIDO			

Fonte: Elaborado pelo autor(2019)

QUADRO 2: DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO PADRONIZADO

DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO PADRONIZADO			
CONTAS	20x9	20x8	20x7
	R\$	R\$	R\$
RECEITA LÍQUIDA DE VENDAS			
(-) CUSTO DE MERCADORIAS VENDIDAS			
(=) LUCRO BRUTO			
(-) Despesas Operacionais			
(=) Lucro Operacional (Antes dos Resultado Financeiros)			
(+) Receitas Financeiras			
(-) Despesas Financeiras			
(=) LUCRO OPERACIONAL			
(-) Resultado não Operacional			
(=) LUCRO ANTES IR e CSLL			
(=) LUCRO LÍQUIDO			

Fonte: Adaptado de Matarazzo (2010)

01. EXERCÍCIO RESOLVIDO

A companhia Lactose entregou o balanço patrimonial de três períodos consecutivos para você, o Analista da empresa, realizar as análises das demonstrações. Após receber as demonstrações contábeis, você foi cauteloso e verificou a qualidade da documentação e das informações apresentadas. **Realize a padronização do Balanço Patrimonial**, para que posteriormente analise as demonstrações contábeis.

QUADRO 3: BALANÇO PATRIMONIAL CIA LACTOSE

BALANÇO PATRIMONIAL CIA LACTOSE							
ATIVO	20x9	20x8	20x7	PASSIVO	20x9	20x8	20x7
Circulante	1.015.000	850.272	800.211	Circulante	1.962.000	1.865.000	1.656.000
Caixa	320.000	287.271	309.211	Empréstimos	780.000	620.000	505.000
Banco	50.000	45.000	35.000	Financiamentos	-	-	-
Duplicatas a Receber	89.200	45.000	23.000	Fornecedores	625.000	588.000	609.000
Estoques	520.900	450.001	400.000	Impostos	500.000	600.000	500.000
Impostos a Recuperar	34.900	23.000	33.000	Obrigações Sociais e Trabalhistas	23.000	22.000	21.000
				Dividendos a pagar	34.000	35.000	21.000
Não Circulante	5.352.000	5.140.998	4.861.000	Não Circulante	375.000	362.000	292.711
Realizável a Longo Prazo	115.000	68.000	46.000	Empréstimos	330.000	320.000	280.000
Depósitos Judiciais	23.000	5.000	3.000	Fornecedores	-	-	-
Impostos a Recuperar	32.000	23.000	13.000	Financiamentos	-	-	-
Empresas Relacionadas	60.000	40.000	30.000	Provisão para processos Judiciais	45.000	42.000	12.711
Investimentos	92.000	78.000	65.000				
Aplicações Financeiras	10.000	6.000	5.000	Patrimônio Líquido	4.030.000	3.764.270	3.712.500
Empresas Controladas	22.000	16.000	15.000	Capital Social	4.000.000	3.750.000	3.700.000
Ações CIA's	60.000	56.000	45.000	Reservas de Capital	23.000	11.170	10.000
Imobilizado	765.000	715.000	560.000	Reservas de Lucro	4.000	1.900	1.500
Terrenos	400.000	400.000	350.000	Reservas para Contingência	3.000	1.200	1.000
Veículos	20.000	20.000	15.000				
Máquinas	300.000	250.000	150.000				
Móveis e Utensílios	45.000	45.000	45.000				
Intangível	4.380.000	4.279.998	4.190.000				
Marcas e Patentes	3.780.000	3.679.998	3.590.000				
Goodwill							
Software	600.000	600.000	600.000				
Total do Ativo	6.367.000	5.991.270	5.661.211	Total Passivo + Patrimônio Líquido	6.367.000	5.991.270	5.661.211

Fonte: Elaborado pelo autor (2019)

Para que ocorra a padronização, o analista deve transpor os valores de cada conta nos grupos específicos do balanço patrimonial padronizado.

QUADRO 4: BALANÇO PATRIMONIAL PADRONIZADO

BALANÇO PATRIMONIAL PADRONIZADO			
CONTAS	20x9	20x8	20x7
	R\$	R\$	R\$
ATIVO			
ATIVO CIRCULANTE	1.015.000	850.272	800.211
Disponível	370.000	332.271	344.211
Aplicações Financeiras	0	0	0
Clientes	89.200	45.000	23.000
Estoques	520.900	450.001	400.000
Outros valores a receber	34.900	23.000	33.000
ATIVO NÃO CIRCULANTE	5.352.000	5.140.998	4.861.000
Realizável a Longo Prazo	115.000	68.000	46.000
Investimentos	92.000	78.000	65.000
Imobilizado	765.000	715.000	560.000
Intangível	4.380.000	4.279.998	4.190.000
TOTAL DO ATIVO	6.367.000	5.991.270	5.661.211
PASSIVO			
PASSIVO CIRCULANTE	1.962.000	1.865.000	1.656.000
Fornecedores	625.000	588.000	609.000
Outras obrigações	523.000	622.000	521.000
Empréstimos	780.000	620.000	505.000
Duplicatas Descontadas	0	0	0
PASSIVO NÃO CIRCULANTE	375.000	362.000	292.711
Empréstimos	330.000	320.000	280.000
Financiamentos	0	0	0
Outras Obrigações	45.000	42.000	12.711
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	4.030.000	3.764.270	3.712.500
Capital Social	4.000.000	3.750.000	3.700.000
Reservas	30.000	14.270	12.500
(-) Prejuízos Acumulados	0	0	0
TOTAL DO PASSIVO + PATRIMÔNIO LÍQUIDO	6.367.000	5.991.270	5.661.211

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Pode-se observar que os dados ficam sintetizados quando inseridos no Balanço Patrimonial padronizado, facilitando a identificação de contas, grupos e subgrupos para análise. É importante ressaltar que cada analista pode padronizar da forma em que ele achar melhor, uma vez que será ele que irá analisar as informações e interpretá-los.

Autores importantes como Matarazzo, Silva, Padoveze, Assaf Neto, Iudícibus, Marion disponibilizam modelos de padronização que podem ser encontrados em seus respectivos livros sobre Análise das Demonstrações Contábeis.



Embora a correção monetária, teve sua obrigatoriedade revogada, com a instituição do plano real, é uma ferramenta indispensável para as tomadas de decisões e auxilia os usuários das demonstrações contábeis em suas análises. As correções do balanço patrimonial e na demonstração do resultado podem impactar na valorização ou desvalorização com a inflação, ou deflação do período, demonstrando a real situação econômica da organização.

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)



TÓPICO

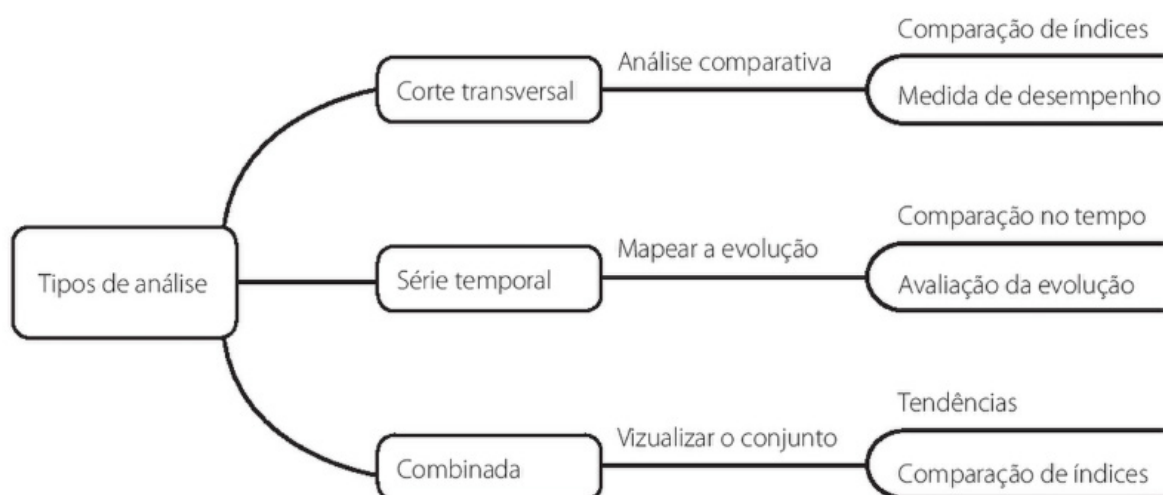
2

MÉTODOS PARA ANÁLISE DE DADOS

A partir do momento em que as Demonstrações Contábeis estiverem padronizadas é possível dar início a análise através dos índices. A utilização das demonstrações faz maior sentido quando se mede o desempenho da empresa, como a capacidade de solver seus compromissos, grau de risco e lucratividade ou rentabilidade. Os índices constituem uma técnica de análise muito empregada pelo fato de facilitar o trabalho do analista, pois a interpretação através de percentuais é mais significativa que a observação de montantes. De acordo com Matarazzo (2008) a característica fundamental é fornecer visão ampla da situação econômica ou financeira da empresa. A análise das demonstrações, como visto, surgiu por motivos práticos, se tornando um instrumento de grande utilidade pelas empresas e usuários contábeis. Alguns dos índices que permanecem até hoje como referências, foram sendo aprimorados. A análise das demonstrações contábeis não se refere apenas a cálculos de determinados índices e padronizações. A interpretação dessas informações é muito importante e é sempre necessário dispor de outras informações/demonstrações para comparação. A técnica de extrair os índices das demonstrações ganhou embasamento científico, o que facilita saber a utilidade de cada índice e suas especificidades. A utilização de índices possibilita chegar a uma avaliação da empresa em diferentes pontos, servindo para decisões de créditos em geral.

Pode ser citada três tipos de análise: Corte transversal, Série temporal, e Combinada.

FIGURA 1: TIPOS DE ANÁLISE



Fonte: Bazzi (2019)

A análise comparativa, também conhecida como análise em corte transversal, compreende a comparação dos índices financeiros de diferentes empresas em um mesmo período. Dessa maneira, é possível comparar o desempenho de uma empresa em relação ao setor, dentro de um intervalo de tempo. Desenvolvida com finalidade de mapear ou acompanhar a evolução de determinado elemento patrimonial, ou de um resultado da empresa em determinados períodos de tempos, a análise em série temporal proporciona o analista comparar o desempenho atual com o passado da companhia, utilizando índices e verificar sua evolução. A análise combinada mescla os dois tipos de análise supracitados, é possível ter uma visão em conjunto e avaliar a tendência do comportamento de um índice em relação ao setor. (BAZZI, 2019)

O método de análise por quociente é o processo utilizado para calcular a relação numérica entre dois elementos patrimoniais ou de resultado. Esse método se compara dois valores dividindo-se um pelo outro, indicando a relação de grandeza entre os itens comparados. O método dos valores diretos é uma análise feita sem levar em consideração variações decorrentes de índices inflacionários.

A estrutura ou composição, mais conhecida como análise vertical (AV) é o processo em que é analisada a estrutura de composição de um grupo ou subgrupo de determinados elementos patrimoniais ou de resultado em determinados períodos, em que é calculada a participação percentual dos estoques em relação ao todo, como a participação percentual dos estoques em relação ao ativo total ou ao grupo do circulante, ou do lucro operacional bruto em comparação com o valor das receitas líquidas.

Essa análise permite uma visão global da situação econômica e financeira da empresa, bem como sua evolução. Avalia a participação de cada conta e seus respectivos grupos em relação aos totais do ativo e do passivo de um exercício social. O objetivo dessas análises é avaliar, em termos relativos às partes que compõem o todo, e compará-las no caso de análise de dois ou mais períodos sociais.

Análise horizontal ou por evolução é utilizado para contrapor as informações passadas e presente, podendo projetar situações futuras. Assim, para fundamentar a análise com objetivos decisórios, utiliza-se resultados obtidos por meio de comparações. A análise horizontal é um método desenvolvido para calcular a variação de um ou mais elementos em determinados períodos, buscando estabelecer tendências, se houve crescimento ou retração de um determinado elemento.

Matarazzo (2008) ensina que as análises vertical e horizontal não devem ser feitas isoladamente a fim de evitar conclusões distorcidas, pois uma conta pode apresentar uma variação de 2000% na análise horizontal, mas, verificando-se análise vertical, percebe-se aquele item é irrelevante para a empresa.

Essa análise consiste em uma comparação simples, feita entre os valores de uma mesma conta, ao longo do tempo, em que se desenvolvem números e índices. Identifica a evolução de cada conta e seus respectivos grupos ao longo de mais de um exercício social. A análise horizontal no balanço patrimonial permite acompanhar a evolução de ativos e passivos em certo prazo, mostrando a existência de folga ou aperto financeiro. Ao desenvolver esse tipo de análise é adotado um período base, na maioria dos casos considera-se o primeiro exercício e então são estabelecidas as evoluções dos demais exercícios em comparação ao período base. Essas evoluções são apresentadas em porcentagem. Assim, o administrador financeiro terá uma visão detalhada de cada item dos demonstrativos contábeis no decorrer do tempo e poderá visualizar tendências futuras, tendo condições de corrigir eventuais desvios dos objetivos propostos.

A análise de índices envolve métodos de cálculo e interpretação de índices financeiros para verificar e monitorar o desempenho da empresa. Para avaliar se a situação econômica ou financeira da empresa pode, ou não, ser considerada satisfatória, seus índices devem ser comparados com os de outras empresas que atuem no mesmo setor e que tenha porte semelhante, bem como com os indicadores padrão do setor.

Os índices são ferramentas de análise financeira que expressam a relação matemática entre quantidades ou valores. A análise baseada nos índices se confunde com a própria análise das demonstrações contábeis. Trata-se da relação entre contas e grupos

de contas de uma ou mais demonstrações financeiras que busca dar uma visão geral da situação econômica e financeira de um empresa.

Os indicadores têm como objetivo medir o desempenho da empresa no que se refere a liquidez, ciclo operacional, grau de endividamento, rentabilidade e atividade. O cálculo é feito com base nas informações financeiras apresentadas no Balanço Patrimonial e na Demonstração do Resultado da empresa. O uso de índices possibilita o analista identificar imediatamente um determinado aspecto patrimonial da empresa, como sua liquidez, seu endividamento e seus resultados. Serve como um sinalizador de uma situação positiva ou negativa, porém tem limitações uma vez que não identifica as causas.

A análise com base em índices extraídos das demonstrações financeiras de uma empresa é interessante para os usuários da contabilidade. Os índices financeiros podem ser divididos em categorias como: Liquidez, Atividade, Endividamento, Lucratividade, Valor de Mercado e entre outros.

Os índices de liquidez, atividade e endividamento medem o risco, enquanto os índices de lucratividade medem o retorno, e os valores de mercado medem tanto o risco quanto o retorno. A análise de índice revela relações importantes e bases de comparação, apresentando condições e tendências que não poderiam ser descobertas sem eles. Envolve métodos de cálculo e interpretação de índices financeiros para analisar e monitorar o desempenho da empresa.

Os eventos econômicos, políticas de administração e mudanças em procedimentos e outros eventos que envolvem a empresa podem refletir nos índices. Os índices devem ser interpretados considerando aspectos que envolvam a situação da empresa, como fatores geográficos, econômicos, financeiros, mercadológicos, etc. Para expressar significado, os índices devem ser comparados, em conjunto, a períodos anteriores, padrões e índices de empresas do mesmo setor.

Quando analisamos os índices, algumas precauções devem ser tomadas: Um índice analisado isoladamente não fornece informações suficientes para julgar o desempenho geral da empresa. Os índices a serem comparados devem ser calculados da mesma maneira e a partir de uma mesma base de dados, a fim de que não distorçam os resultados.

A análise pode ser estruturada de várias maneiras. Uma delas diz respeito ao foco de interesse, se voltado ao curto ou ao longo prazo. A visão de curto prazo prioriza o uso de medidas e indicadores de desempenho que medem a capacidade de pagamento e o nível de risco associado ao negócio e atividade da empresa. O foco de longo prazo valoriza os quocientes ligados à rentabilidade e lucratividade da empresa ou empreendimento. Ainda

que diversas possam ser as categorizações, abaixo estão relacionados categorias que ligam interesses em comum:

- **Liquidez, solvência e estrutura:** Podem ser avaliados a partir de índices que buscam verificar capacidade de pagamento, nível de risco da estrutura financeira. Abrange os índices de liquidez, de estrutura e alavancagem, de cobertura de juros e encargos.
- **Atividade:** Abrange os quocientes de prazos médios, de giros de ativos ligados às operações e os ciclos de atividades. Esses índices buscam avaliar a performance dos itens operacionais que se renovam ao longo das atividades.
- **Retorno e Lucratividade:** Disponibilizados por índices de retorno e as margens de lucro. Estes têm objetivo de medir a produtividade do negócio pelo uso dos ativos.
- **Índices para o mercado de capitais:** São indicadores que associam variáveis como: valor da ação no mercado, montante dos lucros e dividendos por ação, e medidas específicas.
- **Modelos Integrado:** Nessa categoria os modelos que integram quociente de diferentes classes, de maneira estruturada, no intuito de medir o desempenho a partir das diversas variáveis interligadas.



SAIBA MAIS

Os setores de uma empresa variam de acordo com o tamanho e o tipo de atividade que ela executa. A Brasil, Bolsa e Balcão (B3) faz uma listagem das companhias de sociedade anônima por setor de atuação, subsetor e segmento.

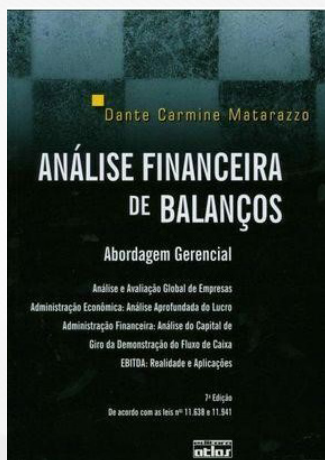
Saiba mais acessando o link: http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/acoes/consultas/classificacao-setorial/



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro(a) aluno(a), chegamos ao final da Unidade 2, do livro da disciplina da Análise das Demonstrações Contábeis, verificamos os procedimentos de preparar as demonstrações contábeis para análise, esse o processo de análise deve seguir uma sequência que permite o analista desenvolver seu trabalho com eficiência e eficácia. Como parte dos procedimentos vimos como funciona a coleta de dados para analisar as demonstrações contábeis, a forma de coletar a documentação para utilizar na análise pode variar de acordo com algumas circunstâncias. Observamos que o objetivo proposto pelo usuário da contabilidade ao analisar as demonstrações contábeis influencia na coleta dos dados e informações, uma vez que poderá necessitar de mais informações, eliminando etapas ou expandindo-as na área de análise. Apresentamos alguns dos tipos e métodos mais utilizados na análise das demonstrações. A análise das demonstrações contábeis não se refere apenas a cálculos de determinados índices e padronizações. Para que esses índices possam ter impacto, a interpretação dessas informações se faz muito importante. Dentre os tipos e métodos de análises, citamos, a análise vertical, análise horizontal, o método de análise por quociente, análise baseada nos índices que se trata da relação entre contas e grupos de contas de uma ou mais demonstrações financeiras que busca dar uma visão geral da situação econômica e financeira de um empresa. E os indicadores que visam medir o desempenho da empresa no que se refere a liquidez, ciclo operacional, grau de endividamento, rentabilidade e atividade. O cálculo é feito com base nas informações financeiras apresentadas no Balanço Patrimonial e na Demonstração do Resultado da empresa. Na unidade 3 demonstraremos como são realizados os cálculos e como analisar as demonstrações contábeis com alguns índices e métodos citados na Unidade 2.

MATERIAL COMPLEMENTAR



LIVRO

- **Título:** Análise Financeira de Balanços – Abordagem Básica e Gerencial
- **Autor:** Dante Carmine Matarazzo
- **Editora:** Atlas
- **Ano:** 2008
- **Sinopse:** Uma característica diferenciadora deste livro é revelar técnicas de Análise das Demonstrações Financeiras capazes de gerar amplas e profundas informações sobre o desempenho, a situação econômico-financeira e a gerência das empresas. Com esse novo instrumental, a análise das demonstrações Financeiras, que anteriormente era usada quase que exclusivamente de fora da empresa, passa a se inserir entre as técnicas de gerência financeira. Por outro lado, vem propiciar ao público externo muito mais conhecimento a respeito da empresa.



FILME/VÍDEO

- **Título:** Margin Call: O Dia Antes do Fim
- **Ano:** 2011
- **Sinopse:** Numa corretora de valores de Wall Street, em meio ao abalo financeiro que afetou as bolsas de valores nos Estados Unidos em 2008, os cortes começam e, entre os demitidos, está Eric Dale (Stanley Tucci). Ao sair da empresa, ele deixa com seu subordinado, Peter Sullivan (Zachary Quinto), um pen drive carregado de informações confidenciais. Sullivan abre o arquivo, descobre que a companhia está à beira de um colapso e chama seu chefe (Paul Bettany) para pôr a situação em pratos limpos. A partir daí, os poderosos executivos começam a ser informados e, entre reuniões, o futuro de todos será decidido.

MATERIAL COMPLEMENTAR



FILME/VÍDEO

- **Título:** Sonhe Grande, Comece Pequeno
- Tatiane recomenda a quem quiser empreender sonhar grande e começar pequeno. Ela abriu a primeira lavanderia da região onde mora e hoje é dona de uma rede de lavanderias na periferia de São Paulo. Tatiana Lobato estudou empreendedorismo no programa 10000 mulheres da FGV/Goldman Sachs. Ela é fundadora, sócia proprietária e diretora comercial da rede de lavanderias Magic Clean, pioneira em oferecer serviços de lavanderia na periferia de São Paulo. Em 2014 venceu o Desafio Pequenas Gigantes, uma iniciativa da Aliança Empreendedora e do Instituto Walmart.
- **Link do vídeo:** <https://www.youtube.com/watch?v=a9qsp7l5C3o>



UNIDADE

**ÍNDICES FINANCEIROS,
ECONÔMICOS E
PATRIMONIAIS
- CÁLCULO E
INTERPRETAÇÃO**

Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco.
Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida.



PLANO DE ESTUDO

Plano de Estudos

- Apresentar os Índices Financeiros, Econômicos E Patrimoniais - Cálculo e Interpretação
- Apresentar os Índices de análise vertical e horizontal - Cálculo e Interpretação
- Discorrer sobre os Índices de liquidez - Cálculo e Interpretação
- Apresentar os Índices de rentabilidade - Cálculo e Interpretação

Objetivos da Aprendizagem


- Índices Financeiros, Econômicos E Patrimoniais - Cálculo e Interpretação
- Índice vertical e horizontal
- Índices de liquidez
- Índices de rentabilidade

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), na Unidade 3, do livro da disciplina de Análise das Demonstrações Contábeis, será abordado sobre os Índices Financeiros, Econômicos e Patrimoniais. Esses índices são cálculos matemáticos efetuados a partir do balanço patrimonial e da demonstração de resultados, auxiliando no entendimento da situação da empresa, em seus aspectos patrimoniais, financeiros e de rentabilidade. A elaboração de Índices (Indicadores) é o processo de análise mais utilizado pelos analistas, porque oferece visão global da situação econômica e financeira da Organização. Será apresentado os modelos de Análise Horizontal (AH) e Análise Vertical (AV), como devem ser calculados e como elaborar essas análises. Será discorrido sobre os Índices de liquidez, esses índices mostram a base da situação financeira da empresa, medindo se os ativos são suficientes para a liquidação das dívidas. Será apresentado sobre os Índices de endividamento, na qual busca avaliar a proporção de recursos próprios e de terceiros mantidos pela organização, a dependência apresentada por dívidas de curto prazo, a natureza de suas obrigações financeiras e seu risco financeiro. Será apresentado os Índices de rentabilidade na qual demonstram os resultados financeiros de determinada empresa, medindo, dessa forma, o retorno alcançado, será disponibilizado quatro tipos de índices de rentabilidade: Giro do ativo; Margem líquida; Rentabilidade do ativo; Rentabilidade do patrimônio líquido. E por fim será discorrido sobre análise do capital de giro, na qual é o fundamento básico da avaliação do equilíbrio financeiro de uma empresa.

Bons estudos!

ÍNDICES FINANCEIROS, ECONÔMICOS E PATRIMONIAIS



A utilização de índices e indicadores tem como objetivo principal permitir ao analista das demonstrações extrair informações, buscando tendências e comparar os índices com padrões de mercado e pré-estabelecidos. A análise visa retratar o que aconteceu no passado fornecendo algumas bases para compreender as tendências. A periodicidade da análise das demonstrações depende dos objetivos que o analista buscam em atingir. Os indicadores financeiros, econômicos e patrimoniais são grandes aliados dos analistas em comparação com uma análise que considera somente a observação da evolução dos valores das contas, pois, por intermédio deles é possível visualizar o real cenário econômico-financeiro que a empresa se encontra, embasando os gestores na tomada de decisão e correções necessárias.

De acordo com Padoveze (2010) os indicadores econômico-financeiros são os elementos que representam as maneiras de realizar análise das demonstrações contábeis. Esses índices são fundamentados em cálculos matemáticos realizados a partir do balanço patrimonial e da demonstração de resultados, identificando informações que auxiliam no processo de compreender da situação da empresa, em seus aspectos patrimoniais, financeiros, operacional e rentabilidade.

Como visto nas Unidades anteriores, a contabilidade tem diversos usuários. A análise com objetivo de identificar informações externas, um cálculo anual ou semestral é suficiente. Já para uma análise gerencial interna, alguns índices devem ter acompanhamento com maior periodicidade, sendo mensal ou em intervalos mais curtos, no qual depende da criticidade. O índice pode servir como um sinal de alarme da saúde da organização. De acordo com Ribeiro (2009), este é o processo de análise mais utilizado pelos analistas, porque oferece visão global da situação econômica e financeira da Entidade. Para que tal análise seja elaborada, primeiramente o analista deve calcular uma série de indicadores.

ANÁLISE HORIZONTAL E VERTICAL

2.1 Análise Horizontal (AH)

Ao pensarmos sobre a definição da palavra horizontal, associamos ao horizonte. Quando falamos de Análise Horizontal (AH) estamos observando o comportamento em um horizonte de tempo, ou seja, em comparação entre contas, subgrupos, grupos, ao longo de um período. Segundo Marion (2010), esta análise é chamada de horizontal pelo fato dos nossos olhos observarem as informações no sentido horizontal.

A Análise Horizontal basicamente é um processo de análise em série temporal, elaborado por meio de números e índices. O objetivo da Análise Horizontal (AH) é demonstrar a evolução de cada conta das demonstrações contábeis e, pela comparação entre si, permitir tirar conclusões sobre a evolução da empresa. A Análise Horizontal (AH) pode indicar o crescimento ou queda ocorrida em contas que constituem as demonstrações contábeis em períodos consecutivos. A análise horizontal compara os percentuais ao longo de períodos, esta comparação é feita olhando-se horizontalmente ao longo dos períodos, exercícios ou anos nas demonstrações financeiras e nos indicadores. (MATARAZZO, 2008; BLATT, 2001)

Esse tipo de análise tem por objetivo a identificar a evolução dos componentes patrimoniais ou de resultado em determinado período. Busca-se também a prospecção dos valores do patrimônio ou de resultado no sério temporal horizontalmente, permitindo a avaliação das perspectivas econômicas e financeiras da entidade.

Padoveze e Benedicto (2004) explicam a partir da análise horizontal a empresa pode identificar a variação positiva ou negativa de um período em relação ao anterior. Quando for

efetuado o cálculo toma-se como 100% as contas, subgrupo ou grupo que fazem parte de determinado período, relacionando o percentual com base nos dados do período.

A elaboração por meio de um número e também índice, facilita a análise das demonstrações, uma vez que esse sistema proporciona observar o crescimento dos saldos das contas componentes dos demonstrativos, cujos cálculos são processados conforme a seguinte fórmula:

$$AH = \frac{Va}{Vb} \times 100$$

- **AH:** Número índice da análise Horizontal
- **Va:** Valor monetário em uma data
- **Vb:** Valor monetário em data base

Segundo Assaf Neto (2010), o número índice é a relação que existe entre o valor de uma conta, subgrupo e grupo de contas contábeis em uma certa data (Va) e seu valor obtido em uma data base (Vb). Ou seja, (Va) representa um valor monetário encontrado no exercício em uma demonstração contábil buscando comparar através de um índice, e (Vb) descreve o mesmo valor no exercício em que a comparação é efetuada.

Esse índice permite a mensuração da evolução dos vários itens de cada demonstração contábil em intervalos de tempo sequenciais, fazendo com que o analista entenda, por exemplo, a evolução de vendas e do imobilizado de uma organização, encontradas nos últimos três anos, são facilmente avaliadas e interpretadas por meio do estudo da aplicação da análise horizontal realizada nas demonstrações referentes aos períodos considerados (ASSAF NETO, 2010, p. 99).

Visando exemplificar, assuma os seguintes valores de Imobilizado e Receita Líquida de Vendas para os anos de 20x7, 20x8 e 20x9:

QUADRO 1: ANÁLISE HORIZONTAL

	20x9	20x8	20x7
Imobilizado	R\$ 765.000	R\$ 715.000	R\$ 560.000
Receita Líquida de Vendas	R\$ 2.600.000	R\$ 1.900.000	R\$ 1.850.000

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Admitindo como base o ano de 20x7, lembremos que na análise horizontal (AH) o período base será representado como sendo 100%, tem-se o número índices (AH) do Imobilizado e da Receita Líquida de Vendas nos anos 20x8 e 20x9, apurados da seguinte maneira:

20x8/20x7:

$$\text{Imobilizado} = \frac{715.000}{560.000} \times 100 = 127,68\%$$

$$\text{Receita Líquida de Vendas} = \frac{1.900.000}{1.850.000} \times 100 = 102,70\%$$

20x9/20x7:

$$\text{Imobilizado} = \frac{765.000}{560.000} \times 100 = 136,61\%$$

$$\text{Receita Líquida de Vendas} = \frac{2.600.000}{1.850.000} \times 100 = 140,54\%$$

O resumo da análise horizontal por meio de número-índices/porcentagem dos valores de Imobilizado e da Receita Líquida de Vendas como base nos anos 20x7 na tabela abaixo:

QUADRO 2: ANÁLISE HORIZONTAL

	20x9	AH	20x8	AH	20x7	AH
Imobilizado	765.000	136,61%	715.000	127,68%	560.000	100%
Receita Líquida de Vendas	2.600.000	140,54%	1.900.000	102,70%	1.850.000	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Pode-se verificar a partir do quadro 2 que o Imobilizado de 20x8 aumentou 27,68% em comparação aos valores apurados em 20x7. Em 20x9 houve um aumento referente ao período de 20x8, e um aumento de 36,61% em relação ao ano base de 20x7. Referente as Receitas Líquidas de Vendas, pode-se observar uma evolução, em relação a 20x7 houve um aumento de 2,7% no ano de 20x8, e um aumento de 40,54% no ano de 20x9.

Outra maneira de realizar a análise horizontal considerando o período imediatamente anterior ao período em que se aplica o estudo. De acordo com Assaf Neto (2010), ao aplicar esse método a análise se torna mais dinâmica, proporcionando identificar a evolução de menores períodos de tempo.

20x8/20x7:

$$\text{Imobilizado} = \frac{715.000}{560.000} \times 100 = 127,68\%$$

$$\text{Receita Líquida de Vendas} = \frac{1.900.000}{1.850.000} \times 100 = 102,70\%$$

20x9/20x8:

$$\text{Imobilizado} = \frac{765.000}{715.000} \times 100 = 106,99\%$$

$$\text{Receita Líquida de Vendas} = \frac{2.600.000}{1.900.000} \times 100 = 136,84\%$$

O resumo da análise horizontal por meio de índices/porcentagem (AH) dos valores do Imobilizado e da Receita Líquida de Vendas com base ao período imediatamente anterior ao período em que se aplica o estudo pode ser analisado no quadro abaixo:

QUADRO3: ANÁLISE HORIZONTAL

	2019	AH	2018	AH	2017	AH
Imobilizado	765.000	106,99	715.000	127,68	560.000	100%
Receita Líquida de Vendas	2.600.000	136,84	1.900.000	102,70	1.850.000	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Ao observarmos o quadro 3, pode-se verificar que, no período 20x9, o Imobilizado apresentou um aumento de 6,99% e relação ao período de 20x8. E em 20x9 a Receita Líquida de Vendas houve um aumento significativo de 36,84% em relação ao período de 20x8.

Em relação às informações fornecidas pelas análises horizontais encadeadas e anuais, deve ser elaborada com algumas ressalvas, nunca devendo ser substituída pela à análise horizontal encadeada, uma vez que análise horizontal anual forneça algumas informações úteis e interessantes (MATARAZZO, 2010)

Segundo Assaf Neto (2010) comenta que a análise horizontal, quando é elaborada tomando-se como período-base sempre o exercício imediatamente anterior ao que está em estudo (anual), proporciona que as informações obtidas sejam mais dinâmicas, permitindo que o analista constate as evoluções nas contas em períodos menores de tempo. Pode-se concluir que a decisão mais racional a ser tomada pelos analistas das demonstrações

contábeis é elaborar os dois métodos de análise horizontal, pois ambos se complementam apresentando vantagens e limitações.

2.2 Análise Vertical (AV)

A análise vertical possibilita a identificação da relevância de uma conta considerando o subgrupo ou grupo de contas ao qual pertence, podendo ser chamada também de análise de estrutura das demonstrações contábeis. Ao fazer o levantamento de cada percentual o objetivo da análise não é mais os valores monetários e sim a representatividade de cada conta (porcentagem), assim é possível avaliar tendências de forma mais objetiva e direta, pois, ao se fazer uma análise restrita a expressões monetárias não seria possível visualizar os impactos de cada conta patrimonial ou de resultado (SILVA, 2007).

O primeiro propósito da análise vertical (AV) é mostrar a participação relativa de cada item de uma demonstração contábil em relação a determinado referencial. Exemplo: No balanço patrimonial é comum determinar a representatividade de cada conta ou grupo em relação ao ativo total.

Para Marion (2010), quando se realiza a divisão de uma grandeza por outra, considerando dados de um mesmo período (ou de um mesmo ano), nossos olhos identificam os dados no sentido vertical. É por esse motivo que tal tipo de análise é nomeada de análise vertical. A partir do cálculo da Análise Vertical (AV) é possível identificar a porcentagem de cada grupo em relação ao total, expressando, assim, se há excesso de imobilização, insuficiência de capitais ou de disponibilidades, excesso de despesas.

A análise vertical se baseia em valores percentuais calculados das demonstrações contábeis. Isso é feito dividindo-se o valor de cada conta por um valor-base. No caso do Balanço Patrimonial, de acordo com Matarazzo (2010), calcula-se o percentual de todas as contas em relação ao Total do Ativo, o processo é igual de todas as contas do lado do passivo em relação ao Total do Passivo. Já no caso da Demonstração do Resultado do Exercício, o percentual é calculado dividindo-se as contas pela Receita Líquida de Vendas.

Dessa maneira, podemos verificar quais contas são mais importantes no Ativo, Passivo e Patrimônio Líquido, e no caso da Demonstração do Resultado, pode-se observar quanto cada conta (custos, receitas financeiras, despesas e lucro) representa percentualmente das receitas líquidas. Segundo Ribeiro (2009) o cálculo do percentual que cada elemento ocupa em relação ao conjunto é feito por meio de uma regra de três, em que o valor base utilizado é igualado a 100%, sendo os demais dados calculados em comparação a ele.

Exemplo:

Para calcular a porcentagem de participação que o item clientes representa em relação ao item ativo total, deve-se realizar o seguinte cálculo:

$$\frac{6.367.000 = 100\%}{89.200 = X} = 1,40\%$$

Para que obtenha um melhor entendimento sobre a análise vertical, iremos utilizar o exemplo da Cia. Lactose, cujo balanço patrimonial será demonstrado somente o lado do ativo, para efeito de simplificação:

QUADRO 4: BALANÇO PATRIMONIAL PADRONIZADO

BALANÇO PATRIMONIAL PADRONIZADO						
CONTAS	20x9	AV	20x8	AV	20x7	AV
	R\$	%	R\$	%	R\$	%
ATIVO						
ATIVO CIRCULANTE	1.015.000	15,94%	850.272	14,19%	800.211	14,13%
Disponível	370.000	5,81%	332.271	5,55%	344.211	6,08%
Aplicações Financeiras	0	0,00%	0	0,00%	0	0,00%
Clientes	89.200	1,40%	45.000	0,75%	23.000	0,41%
Estoques	520.900	8,18%	450.001	7,51%	400.000	7,07%
Outros valores a receber	34.900	0,55%	23.000	0,38%	33.000	0,58%
ATIVO NÃO CIRCULANTE	5.352.000	84,06%	5.140.998	85,81%	4.861.000	85,87%
Realizável a Longo Prazo	115.000	1,81%	68.000	1,13%	46.000	0,81%
Investimentos	92.000	1,44%	78.000	1,30%	65.000	1,15%
Imobilizado	765.000	12,02%	715.000	11,93%	560.000	9,89%
Intangível	4.380.000	68,79%	4.279.998	71,44%	4.190.000	74,01%
TOTAL DO ATIVO	6.367.000	100,00%	5.991.270	100,00%	5.661.211	100,00%

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

A partir da análise vertical (AV) pode-se identificar qual ou quais as contas/grupos representam a maior parte da empresa. Ao analisar o balanço patrimonial da CIA Lactose, pode-se verificar que o Ativo Circulante representa 15,94% do total do ativo, e Ativo não Circulante em 20x9 representa 84,06% do total do ativo da companhia.

As análises vertical e horizontal, isoladamente, não dão uma visão profunda sobre determinada organização. Porém, elas possibilitam os usuários da demonstração contábil

uma compreensão sobre a estrutura da organização, suas fontes de recursos entre o Passivo e Patrimônio Líquido, e a aplicação destes Ativo e a estrutura de formação do resultado da empresa na Demonstração do Resultado. O panorama de evolução da organização, pode contribuir ao analista entender a maneira pela qual a organização está financiando suas necessidades e de onde tal necessidade é proveniente.

As análises vertical e horizontal, devem ser utilizadas conjuntamente, com o objetivo complementar as informações disponibilizadas por meio da análise de índices econômico-financeiros, tema que será abordado como próximos itens da das Unidade 3 e Unidade 4. A importância de se elaborar conjuntamente as análises vertical e horizontal também é desejável que as conclusões baseadas na análise vertical sejam complementadas pelas da análise horizontal. (RIBEIRO, 2009; MATARAZZO, 2010).



SAIBA MAIS

Você sabia que:

Análise Técnica é uma ferramenta utilizada tanto por especuladores profissionais (conhecidos como traders, operadores ou negociantes de mercado institucionais), como por amadores para análise do movimento de preço de alguns ativos financeiros (principalmente ações de boa liquidez), com base na oferta e procura destes ativos financeiros com o objetivo de lucrar através da identificação dos melhores pontos possíveis de entrada e saída em negociações de compra ou venda dos mesmos

TÓPICO

3

ÍNDICES DE LIQUIDEZ

Visitors Overview



Visitors
2,958

Content Overview

Pages	Pageviews	% Pageviews
/	5,932	23.33%
/information-resources	1,306	5.14%
/decisions	867	3.41%
/information-privacy	697	2.74%
/information-privacy-guidelines	692	2.72%

Os índices de liquidez mostram a base da situação financeira da empresa, a partir de um calculado que é realizado confrontando o valor do Ativo Circulante e do Passivo Circulante. O objetivo desse índice é mensurar se a base financeira da empresa é sólida. (MATARAZZO, 2010). Segundo Groppelli (2002) o grau de liquidez de um ativo depende da agilidade da empresa em transformá-los em caixa, e em essência, os índices de liquidez testam o grau de solvência da empresa.

Liquidez em finanças significa a disponibilidade em moeda corrente para fazer pagamentos. Ao liquidar algo, entende-se a capacidade de extinguir uma obrigação (passivo). Um ativo líquido é um ativo sem possibilidade de redução. Os índices de liquidez buscam mensurar se os bens e os direitos da empresa (ativos) são suficientes para a liquidação das suas obrigações (passivos). (PADOVEZE E BENEDICTO, 2004). Se esses índices forem maiores do que 1, o resultado é positivo, pois cada real devido existe um valor superior em recursos para pagamento. A mesma lógica é válida quando o resultado for inferior a 1, nesse caso, não existem recursos para pagamento.

3.1 Índice de Liquidez Corrente

De acordo com Padoveze e Benedicto (2004) o Índice de Liquidez Corrente pode ser estabelecido que quanto maior for melhor para a organização, pois quanto maior a liquidez maior a retenção de dinheiro aplicado no capital de giro próprio. Este índice expressa também a garantia da capacidade em que a organização tem para realizar seus pagamentos. Segundo Silva (2008) afirma ainda que este índice representa o quanto a empresa possui em dinheiro e

direitos realizáveis a curto prazo comparado com os passivos a pagar neste mesmo período. Groppeli (2002) comenta que em organizações pequenas e médias, este índice pode variar dependendo do setor de atividade e do tipo de empresa. Para fazer comparações setoriais é importante identificar outra organização do mesmo setor.

A Fórmula de Cálculo para liquidez corrente é:

$$\text{Índice de Liquidez Corrente} = \frac{\text{Ativo Circulante}}{\text{Passivo Circulante}}$$

A liquidez corrente indica o quanto existe de ativo circulante para cada R\$ 1,00 de dívida no curto prazo:

QUADRO 5: ÍNDICE DE LIQUIDEZ

CONDIÇÃO:	EXPRESSA:
Liquidez Corrente > 1,00	Capital Circulante Líquido Positivo
Liquidez Corrente = 1,00	Capital Circulante Líquido Nulo
Liquidez Corrente < 1,00	Capital Circulante Líquido Negativo

Fonte: Adaptado de Matarazzo (2010)

O Capital Circulante líquido será visto nos próximos tópicos e é calculado através da diferença entre ativo circulante e passivo circulante. Esse indicador mostra a capacidade da empresa em pagar suas dívidas no curto prazo. Assim seria interessante para a empresa ter sempre um capital circulante líquido positivo, ou seja, uma liquidez corrente maior que R\$ 1,00. Para um exemplo prático de cálculo de liquidez corrente vamos continuar com as contas da Cia. Lactose em 20x9:

$$\text{Índice de Liquidez Corrente} = \frac{1.015.000}{1.962.000} = 0,52$$

Pode-se verificar que a Cia. Lactose tem um capital circulante líquido negativo, assim sua capacidade de arcar seus passivos de curto prazo não é interessante para a organização.

Ao abordar o tema liquidez corrente, Marion (2010) afirma que é importante considerar principalmente três aspectos: o índice não revela a qualidade dos itens no ativo circulante (os estoques estão superavaliados, são obsoletos, os títulos a receber são totalmente recebíveis?); o índice não revela a sincronização entre recebimentos e pagamentos, ou seja, por meio dele não identificamos se os recebimentos ocorrerão em tempo para pagar as dívidas vencidas. Assim, em uma liquidez corrente igual a 2,5 (aparentemente muito boa), pode a empresa estar em crise de liquidez, pois grande parte dos vencimentos das obrigações a curto prazo concentram-se no próximo mês, enquanto a

concentração dos recebimentos ocorrerá dentro de 90 dias; como um aspecto que contribui para o redimensionamento da liquidez corrente, no sentido de elevá-la, é o estoque estar avaliado a custos históricos, sendo que seu valor de mercado está (valor de realização, de venda), normalmente, acima do evidenciado no ativo circulante. Portanto, a liquidez corrente, sob esse enfoque, será sempre mais pessimista do que a realidade, já que os estoques serão realizados a valores de mercado, e não de custo.

3.2 Índice de Liquidez Seca

O Índice de Liquidez Seca proporciona identificar se o Passivo Circulante da empresa terá condições de serem liquidadas mediante a utilização de itens monetários de maior liquidez do Ativo Circulante, ou seja, mediante a utilização das contas do disponível e valores a receber (Assaf Neto, 2010).

Segundo Padoveze e Benedicto (2004) este índice é um acréscimo do índice de liquidez corrente, pois a base conceitual sobre a qual é estruturado é a maior dificuldade de realização dos estoques em relação aos demais componentes do ativo circulante. O mesmo mostra a capacidade que a empresa tem de pagar suas dívidas de curto Prazo e a exclusão dos estoques auxilia na percepção de que a organização pode ou não ter dependência de vender os estoques para liquidar seus compromissos. Assim, para que os estoques sejam transformados em caixa, existe um ciclo operacional na qual leva em conta, produzir, vender e receber. Esse ciclo temporal é considerado muito longo em relação ao tempo que os demais ativos levam para se transformarem em caixa. Este índice representa o quanto a empresa possui de Ativo Circulante sem os Estoques, para cada R\$1,00 de dívidas de curto prazo, que significa que quanto maior o índice melhor.

$$\text{Índice de Liquidez Seca} = \frac{\text{Ativo Circulante} - \text{Estoques}}{\text{Passivo Circulante}}$$

Para um exemplo prático de cálculo de liquidez seca vamos continuar com as contas da Cia. Lactose em 20x9:

$$\text{Índice de Liquidez Seca} = \frac{1.015.000 - 520.900}{1.962.000} = 0,25$$

Esse índice mostra o quanto das dívidas no curto prazo podem ser liquidadas mediante a utilização de itens monetários de maior liquidez no ativo circulante.

3.3 Índice de Liquidez Geral

A liquidez geral, segundo Matarazzo (2010), demonstra a capacidade de pagamento das dívidas da empresa no curto e longo prazo, ou seja, para cada R\$1,00 devido, quanto a empresa terá disponível. Assim, uma liquidez geral maior que R\$1,00 indica uma folga financeira quanto ao cumprimento das obrigações de longo prazo, quando inferior a R\$1,00 indica possíveis problemas no pagamento das dívidas.

A liquidez geral auxilia na identificação referente a geração de caixa em função do total das dívidas da empresa. Desta forma, temos uma visão de longo prazo, considerando possibilidades de entradas e saídas de recursos.

Segundo Ribeiro (2009), existem casos em que o índice de liquidez geral inferior a 1 não indica necessariamente uma situação de incapacidade de pagamento das dívidas (Insolvência). Isso pode ocorrer, por exemplo, quando ao saldar compromisso de curto prazo, a empresa tome empréstimos a pagar em cinco anos; neste caso, haverá tempo suficiente para gerar recursos visando a saldar esses compromissos, podendo ser utilizado a análise do índice de liquidez seca para evidenciar essa situação.

A fórmula para encontrar a liquidez geral é a seguinte:

$$\text{Índice de Liquidez Geral} = \frac{\text{Ativo Circulante} + \text{Realizável ao longo prazo}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não Circulante}}$$

Para um exemplo prático de cálculo de liquidez geral vamos continuar com as contas da Cia. Lactose em 20x9:

$$\text{Índice de Liquidez Geral} = \frac{1.015.000 + 115.000}{1.962.000 + 375.000} = 0,48$$

Isso indica que de cada R\$1,00 que a empresa tem de dívida, um valor R\$ 0,48 de recursos no ativo circulante e no realizável a longo prazo.

ÍNDICES DE RENTABILIDADE

Os índices de rentabilidade buscam mensurar o retorno alcançado pela organização a partir dos resultados financeiros. A análise desses índices possibilita verificar a rentabilidade, na qual é vista amplamente como o principal objetivo de uma organização com fins lucrativos. Este grupo de indicadores se diferencia dos outros que já foram apresentados, pois, para calculá-los, são utilizados valores de contas da Demonstração do Resultado, relacionando os investimentos que foram feitos na organização com os resultados obtidos por ela em sua atividade. A análise da rentabilidade serve amplamente como parâmetro comparativo, podendo ser associada a qualquer tipo de investimento, como SELIC, Taxas de Juros, Poupança e retorno de outras organizações. Desta forma, a viabilidade do negócio pode ser analisada sob a ótica da rentabilidade. (Assaf Neto, 2010; Matarazzo, 2010)

Segundo Silva (2008) os índices de rentabilidade tem como objetivo relacionar medidas que demonstrem a formação do resultado da empresa, no intuito de facilitar a tomada de decisão sobre o desempenho da organização. Enquanto os índices de estrutura de capital e liquidez possuem um caráter essencialmente financeiro, os indicadores de rentabilidade apresentam uma finalidade econômica em sua análise.

Quatro tipos de índices, possibilitam ao analista das demonstrações contábeis conhecer aspectos da rentabilidade de determinada empresa:

- Giro do ativo;
- Margem Líquida;
- Rentabilidade do ativo;
- Rentabilidade do patrimônio líquido.

4.1 Giro do Ativo

O índice de giro do ativo demonstra uma proporção entre as vendas de determinada empresa e os investimentos que nela foram feitos, que são representados pelo valor do seu ativo total. Segundo Matarazzo (2010), quanto maior for o valor encontrado para esse índice, melhor será para a empresa.

O valor do giro do ativo não é apresentado em percentual, pois ele indica uma relação de quantas vezes o faturamento líquido da empresa é maior que o total do seu ativo. Muitas organizações conseguem atingir índices de giro do ativo muito acima de R\$1,00. Segundo Assaf Neto (2010) o incremento desta medida de giro ocorre pelo uso eficiente dos investimentos da empresa (identificação de ativos ociosos e estoques obsoletos, por exemplo), e melhor desempenho das receitas líquidas de vendas.

Fórmula do Giro do Ativo:

$$GA = \frac{\text{Receita Líquida de Vendas}}{\text{Ativo}}$$

Para exemplificar continuaremos com a Cia. Lactose que tem os seguintes saldos e indicador de giro do ativo:

	20x9
Receita Líquida de Vendas	R\$ 2.600.000
Total Ativo	R\$ 6.367.000

$$GA = \frac{2.600.000}{6.367.000} = R\$ 0,41$$

Esse indicador significa que a Cia. Lactose, em 20x9, vendeu R\$0,41 para cada R\$1,00 investido na empresa.

4.2 Margem Líquida

O índice de margem líquida demonstra a lucratividade das vendas, assim, pode ser verificado que, a cada R\$100,00 em vendas, a organização obterá determinado percentual de lucro. Segundo Matarazzo (2010), ao se mensurar esse índice é possível acompanhar a margem líquida da empresa e verificar possíveis alterações.

O índice de margem líquida corresponde ao percentual do lucro das vendas, indicando o quanto, em média, determinada empresa obtém em sua operação principal, sendo uma medida de desempenho de grande valia e que também varia muito de setor para setor, quanto maior for esse índice, melhor será para a organização.

Para Ribeiro (2009), é importante analisar alguns pontos que devem ser levados em consideração quando é analisado a margem líquida e o giro do ativo, conjuntamente, pois

se trata de dois índices que possuem relações entre si. Quando o giro do ativo é superior a um, a situação, aparentemente, é favorável; se a margem líquida é inferior a um, indica que a aparente situação favorável não é suficiente para cobrir os custos necessários à sua obtenção; Quando o giro do ativo é inferior a um, indica, em princípio, situação desfavorável, o que poderá não corresponder à realidade se a margem líquida for superior a um. Isso revela que, embora as vendas tenham sido baixas em relação ao capital total investido na empresa, foram suficientes para cobrir os custos necessários à sua obtenção; Nem sempre um volume de vendas alto é sinônimo de lucratividade garantida e vice-versa, ou seja, nem sempre um volume de vendas baixo é sinônimo de prejuízo. Há casos em que, estrategicamente, a empresa reduz o volume de vendas como medida necessária para aumentar sua lucratividade. Isso é possível quando um menor movimento de vendas resulta na redução de gastos.

Fórmula do cálculo da Margem Líquida:

$$\text{Margem Líquida} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita Líquida de Vendas}} \times 100$$

Verificando as informações da Cia. Lactose 20x9:

	20x9
Receita Líquida de Vendas	R\$ 2.600.000
Resultado Líquido do Exercício	R\$ 280.000

$$\text{Margem Líquida} = \frac{280.000}{2.600.000} \times 100 = 10,77$$

Tal indicador significa que a empresa obteve R\$10,77 de lucro para cada R\$100 vendidos.

4.3 Rentabilidade do Ativo

O índice de rentabilidade do ativo demonstra uma proporção entre o lucro obtido por determinada organização e os investimentos foram realizados, na qual são representados pelo valor do seu ativo total. Segundo Matarazzo (2010), para cada R\$100,00 investidos na empresa, o lucro será de um determinado percentual. Assim, o índice de rentabilidade do ativo pode ser entendido como uma medida de retorno de todo o capital investido. O capital tem um custo, o custo do capital de terceiros corresponde ao custo financeiro de obter recursos emprestados, enquanto o custo do capital próprio está associado às oportunidades de ganho que os sócios/acionistas da empresa possuem, desta forma, o índice de rentabilidade do ativo pode ser considerado uma medida de retorno global de determinada empresa e deve ser comparada com o custo total do capital investido.

De acordo com Marion (2010), o índice de rentabilidade do ativo também é conhecido pela sigla ROI, que vem do termo em inglês *Return On Investment*.

Fórmula do cálculo da rentabilidade do ativo:

$$ROI = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo}} \times 100$$

Para a Cia. Lactose em 20x9 teríamos o seguinte:

	20x9
Total do Ativo	R\$ 6.367.000
Resultado Líquido do Exercício	R\$ 280.000

$$ROI = \frac{280.000}{6.367.000} \times 100 = 4,40$$

Isso quer dizer que a empresa obtém R\$ 4,40 de lucro para cada R\$ 100,00 de investimento total.

4.4 Rentabilidade do Patrimônio Líquido

O índice de rentabilidade do patrimônio líquido mensura a proporção entre o lucro que determinada empresa obteve e o valor do seu capital próprio (patrimônio líquido). Dessa maneira, quando se calcula esse índice, tem-se que para cada R\$100,00 investidos pelos sócios na empresa, poderá ser observado o lucro obtido como um percentual deste valor. Para os investidores, o índice de rentabilidade do patrimônio líquido é uma excelente maneira para analisar seus investimentos, por facilitar a visualização do retorno, e comparar essa rentabilidade com outras opções de investimento no mercado.

Quanto maior for o percentual encontrado para o índice de rentabilidade do Patrimônio Líquido, melhor será para a empresa e para seus acionistas. De acordo com Marion (2010), o índice de rentabilidade do patrimônio líquido vem do termo em inglês *Return On Equity* (ROE). O ROE é a principal ferramenta para um investidor fazer comparativos de rentabilidades entre empresas do mesmo setor e avaliar qual possui a melhor taxa de retorno.

Fórmula do cálculo da Rentabilidade do Patrimônio Líquido:

$$ROE = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

Observando os dados 20x9 da Cia. Lactose temos os seguintes resultados:

	20x9
Patrimônio Líquido	R\$ 4.030.000
Resultado Líquido do Exercício	R\$ 280.000

$$ROE = \frac{280.000}{4.030.000} \times 100 = 6,95$$

Através do exemplo é possível observar que para cada R\$ 100,00 de capital próprio investido a empresa teve R\$ 6,95 de lucro. Para identificar se seria interessante investir na Cia. Lactose, seria importante comparar o retorno dessa empresa a um valor da Taxa SELIC, Poupança, Tesouro Direto, ou outras companhias.



REFLITA

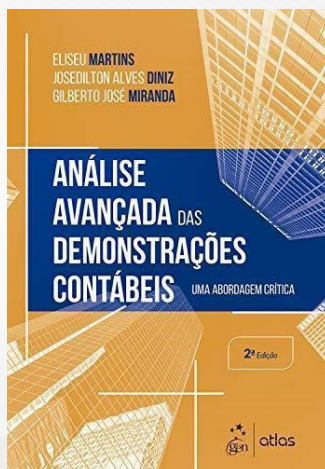
A hipótese do mercado eficiente é uma teoria de investimento que fundamenta que os preços do mercado sempre refletem todas as informações existentes. Logo, não existem ações baratas ou caras. De modo que conseguir retornos acima da média do mercado no longo prazo não é possível. Nem com análise técnica, nem mesmo com análise fundamentalista. De uma forma geral, a teoria de mercado eficiente pressupõe que os preços são formados pelo mero acaso. Já que os preços são resultados de informações que assim que acontecem já são precificadas. Portanto, não há hiato entre o fato e conhecimento dos investidores para considerarem um novo preço do ativo.

Fonte: Eugene Fama (1970)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caro(a) aluno(a), chegamos ao final da Unidade 3, do livro da disciplina de Análise das Demonstrações Contábeis. Verificamos que os indicadores financeiros são grandes aliados dos analistas em comparação com uma análise apenas com a observação da evolução dos valores das contas, pois, por intermédio deles é possível visualizar o real cenário econômico-financeiro que a empresa se encontra, servindo como base para os gestores na tomada de decisão e correções necessárias. Estudamos sobre a Análise Horizontal (AH) na qual busca demonstrar a evolução de cada conta das demonstrações contábeis e, pela comparação entre si, permitir tirar conclusões sobre a evolução da empresa. E verificamos que a Análise Vertical, o qual o propósito é mostrar a participação relativa de cada item de uma demonstração contábil em relação a determinado referencial. Apresentamos os Índices de liquidez, Índices de endividamento, Índices de rentabilidade na qual foi dividido em: Giro do ativo; Margem Líquida; Rentabilidade do ativo; Rentabilidade do patrimônio líquido. E por fim foi apresentado sobre análise do capital de giro. Verificamos que se trata de análise para fins externos, um cálculo anual ou semestral é suficiente. No entanto, para a análise gerencial interna, alguns índices merecerão acompanhamento mensal, outros até de intervalos mais curtos, dependendo de quão crítico seja o índice como um sinal de alarme do sistema de informação contábil financeiro. De acordo com Ribeiro (2009), este é o processo de análise mais utilizado pelos analistas, porque oferece visão global da situação econômica e financeira da Organização. Na próxima discorreremos sobre alguns Índices mais específicos, como os de operação, financeiro e EBITDA.

MATERIAL COMPLEMENTAR



LIVRO

- **Título:** Análise Avançada das Demonstrações Contábeis: Uma Abordagem Crítica
- **Autores:** Eliseu Martins, Josedilton Alves Diniz, Gilberto José Miranda
- **Editora:** Atlas
- **Ano:** 2017
- **Sinopse:** Este livro destaca-se pela abordagem diferenciada do conteúdo. Mostrar a real potencialidade de cada indicador de desempenho econômico e financeiro e evidenciar suas limitações à luz de diversos fatores são seus principais objetivos. Editora: Atlas.



FILME/VÍDEO

- **Título:** Trabalho Interno
- **Ano:** 2010
- **Sinopse:** Em 2008, uma crise econômica de proporções globais fez com que milhões de pessoas perdessem suas casas e empregos. Ao todo, foram gastos mais de US\$ 20 trilhões para combater a situação. Através de uma extensa pesquisa e entrevistas com pessoas ligadas ao mundo financeiro, políticos e jornalistas, é desvendado o relacionamento corrosivo que envolveu representantes da política, da justiça e do mundo acadêmico.



FILME/VÍDEO

- **Título:** Patrimônio Líquido é Passivo ou Não?
- **Sinopse:** Neste vídeo é comentado sobre um assunto polêmico no mundo contábil, qual seja o patrimônio líquido. É explicado se o Patrimônio Líquido é um grupo contábil (juntamente com Ativos e Passivos) ou se é subgrupo do Passivo.
- **Link do vídeo:** <https://abre.ai/k4GY>.



UNIDADE OUTRAS ABORDAGENS DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO ECONÔMICO E FINANCEIRO

Professor Me. Matheus Henrique Delmonaco
Professor Me. Rodrigo Gaspar de Almeida



PLANO DE ESTUDO

Plano de Estudos

- Apresentar outras Abordagens de Avaliação de Desempenho Econômico e Financeiro.
- Demonstrar a utilização do Índice EBITDA.
- Discorrer sobre a alavancagem operacional
- Discorrer sobre a alavancagem financeira

Objetivos da Aprendizagem

- Outras Abordagens de Avaliação de Desempenho Econômico e Financeiro
- Índice EBITDA.
- Alavancagem operacional e Alavancagem financeira

INTRODUÇÃO

Caro(a) aluno(a), na Unidade 4, do livro da disciplina de Análise das Demonstrações Contábeis, será abordado sobre o índice de participação de capital de terceiros, na qual mensura a representatividade do capital que foi tomado emprestado de terceiros para investimentos na organização em relação ao capital próprio. Apresentar sobre o Índice de Endividamento buscando identificar a proporção de recursos próprios e de terceiros mantidos pela organização, a dependência apresentada por dívidas de curto prazo, a natureza das obrigações financeiras e seu risco financeiro. Discorreremos sobre o índice de imobilização do patrimônio líquido que tem como objetivo mensurar o quanto de recursos do patrimônio líquido está investido no ativo permanente (Investimentos, Imobilizado e Intangível). Será abordado sobre o índice de imobilização dos recursos não correntes que traz a possibilidade de observar se existem investimentos permanentes com recursos tomados no curto prazo (passivo circulante). Abordaremos sobre análise dos índices de estrutura de capital da empresa analisada comparado com o setor, para que os usuários entendam o comportamento do mercado e da organização que está inserido ou tem interesse de investir. Explicaremos sobre o EBITDA (LAJIDA) que segundo Silva (2008) é utilizado por empresas de capital aberto e por analistas de mercado, como avaliação de desempenho ou do valor das companhias. E por fim explicaremos sobre o estudo da alavancagem operacional e financeira, no qual é um dos aspectos mais importantes do processo de avaliação de uma empresa, pois uma expectativa presente nas decisões financeiras tomadas é que elas contribuam para elevar o resultado operacional e líquido (financeiro) da empresa.

Bons estudos!

OUTRAS ABORDAGENS DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO ECONÔMICO E FINANCEIRO

1.1 Índices de Estrutura de Capital

1.1.1 PARTICIPAÇÃO DE CAPITAIS DE TERCEIROS

O índice de participação de capital de terceiros mensura a representatividade do capital que foi tomado emprestado de terceiros para investimentos na organização em relação ao capital próprio (Patrimônio Líquido) investido. Dessa maneira, Matarazzo (2010) explica que caso o resultado obtido seja maior do que 100%, a participação do capital de terceiros indica que a organização possui mais capital de terceiros do que capital próprio, caso seja inferior a 100%, indica que a empresa possui menos capital de terceiros do que capital próprio. Pode-se dizer que quanto menor for índice obtido, melhor para a organização, pois assim, ela terá um endividamento menor com terceiros como instituições financeiras e fornecedores.

O índice de participação de capitais de terceiros relaciona as duas grandes fontes de recursos da organização:

- Capitais Próprios (Patrimônio Líquido); e
- Capitais de Terceiros (Passivo Circulante + Passivo Não Circulante).

Este índice pode indicar o risco ou de dependência em capitais de terceiros. Do ponto de vista estritamente financeiro, quanto maior a relação entre Capitais de Terceiros e Capital Próprio, menor a liberdade de decisões financeiras da empresa, uma vez que demonstra a dependência de capital de terceiros e não do capital aplicado pelos investidores.

Assim sendo, quanto menor for o valor encontrado para este índice, melhor para a tomada de decisões para a administração da organização.

A fórmula de cálculo para a participação do capital de terceiros é:

$$PCT = \frac{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não Circulante}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

As contas de Capital de Terceiros nada mais é do que a soma do passivo circulante e passivo não circulante e assim temos as seguintes informações retiradas do balanço patrimonial da Cia. Lactose para o exercício de 20x9:

QUADRO 1: CAPITAL DE TERCEIROS

	20x9
Passivo Circulante	R\$ 1.962.000
Passivo não Circulante	R\$ 375.000
Patrimônio Líquido	R\$ 4.030.000

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Isso significa que para cada R\$ 100,00 de capital próprio a Cia. Lactose tem R\$ 58,00 de capital de terceiros. Isso mostra que a empresa tem mais capital próprio do que capital de terceiros aplicado em seus investimentos.

1.1.2 Composição do Endividamento

O índice de composição do endividamento, segundo Matarazzo (2010), demonstra a relação entre o capital de terceiros de curto prazo e o capital de terceiros total. O objetivo da análise a partir dos Índices de Endividamento é identificar a proporção de recursos próprios e de terceiros mantidos pela organização, a dependência apresentada por dívidas de curto prazo, a natureza das obrigações financeiras e seu risco financeiro. É interessante que as dívidas de uma organização fiquem concentradas no longo prazo, pois possibilitará mais tempo para realizar suas atividades e gerar uma folga financeira para pagar suas obrigações.

Levando em consideração o proposto acima, quanto menor for esse índice, mais concentradas estarão as dívidas no longo prazo. De acordo com Assaf Neto (2010) em relação à composição de endividamento (curto prazo versus longo prazo), assim quando o passivo circulante (dívidas de curto prazo) de uma empresa cresce de forma desproporcional ao passivo não circulante (dívidas de longo prazo), poderá ocorrer uma situação na qual trará uma instabilidade financeira, fazendo com que a organização seja incapaz de saldar suas dívidas. Caso o índice de composição do endividamento seja inferior a 50%, podemos

concluir que as dívidas de curto prazo correspondem a menos da metade do total de obrigações (capital de terceiros). Então, quanto menor for este indicador, melhor será para a empresa, que terá um perfil de endividamento de longo prazo.

A empresa que se encontra em processo de expansão deve procurar financiar seus investimentos, em grande parte, com endividamento de longo prazo, para que, à medida que ganhe capacidade operacional, tenha condições liquidar suas dívidas. As dívidas de curto prazo, nesse caso, devem ser evitadas.

A fórmula para o cálculo do índice de endividamento é:

$$IE = \frac{\text{Passivo Circulante}}{\text{Passivo Circulante} + \text{Passivo não Circulante}} \times 100$$

Para um exemplo prático será analisado os valores de 20x9 da Cia. Lactose:

QUADRO 2: ÍNDICE DE ENDIVIDAMENTO

	20x9
Passivo Circulante	R\$ 1.962.000
Passivo não Circulante	R\$ 375.000

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

$$IE = \frac{1.962.000}{1.962.000 + 375.000} \times 100 = 83,95\%$$

Este indicador mostra que 83,95% das obrigações da Cia. Lactose vencerão no curto prazo, não possibilitando uma folga financeira para a organização.

1.1.3 Imobilização do Patrimônio Líquido

De acordo com Silva (2008) o índice de imobilização do patrimônio líquido tem como objetivo mensurar o quanto de recursos do patrimônio líquido está investido no ativo permanente (Investimentos, Imobilizado e Intangível). Com a implantação da Lei n.º 11.638/07, o grupo ativo permanente foi extinto do ativo no balanço patrimonial. Apesar disso, muitos livros de Análise das Demonstrações Contábeis o montante que uma empresa possui em ativos permanentes, basta que somemos os valores das contas investimentos, imobilizado e intangível. O montante também pode ser encontrado se subtrairmos o valor do realizável a longo prazo do valor do ativo não circulante.

Para Matarazzo (2010), os ativos permanentes podem demorar muito tempo para gerar retorno, uma vez que dependem da sua utilização na atividade principal da empresa, algo que será realizado durante a existência da organização. Segundo Assaf Neto (2010)

conclui-se que o melhor cenário é aquele em que o ativo permanente é financiado, majoritariamente, com recursos próprios (Patrimônio Líquido) o que nem sempre ocorre, uma vez que as organizações utilizam recursos financeiros de terceiros, principalmente, com vencimento no curto prazo para investir em ativos de retorno tão longo.

Neste indicador, quanto menor o valor mensurado para o índice de imobilização do patrimônio líquido, melhor será, uma vez que a organização estará financiando seus ativos permanentes com recursos próprios. Caso o índice encontrado seja inferior a 100%, indicará sobra de recursos do patrimônio líquido para serem investidos nos outros ativos, reduzindo o endividamento. Porém, no caso em que o índice encontrado é superior a 100%, tem-se uma situação em que a empresa utilizou recursos emprestados de terceiros para financiar seus investimentos em ativos permanentes.

A fórmula para imobilização do patrimônio líquido é:

$$IPL = \frac{\text{Investimentos} + \text{Imobilizado} + \text{Intangível}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times 100$$

Para um exemplo prático será analisado os valores de 20x9 da Cia. Lactose:

QUADRO 3: ATIVO PERMANENTE

	20x9
Investimentos	R\$ 92.000
Imobilizado	R\$ 765.000
Intangível	R\$ 4.380.000
Patrimônio Líquido	R\$ 4.030.000

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

$$IPL = \frac{92.000 + 765.000 + 4.380.000}{4.030.000} \times 100 = 129,95$$

Isso mostra que para cada R\$ 100,00 de Patrimônio Líquido a Ambev aplicou R\$ 129,95 no ativo permanente (na qual é a soma dos Subgrupos Investimentos, Imobilizado e Intangível).

1.1.4 Imobilização dos Recursos não Correntes

Segundo Matarazzo (2010) o índice de imobilização dos recursos não correntes traz um detalhamento maior do índice de imobilização do patrimônio líquido, pois se no índice anterior o objetivo era mensurar se a empresa está utilizando recursos de terceiros para seus investimentos permanentes, ou somente com os recursos próprios do patrimônio

líquido, o índice de imobilização dos recursos não correntes possibilita observar se existem investimentos permanentes com recursos tomados no curto prazo (passivo circulante).

Referente a relação entre o endividamento de uma empresa no curto e longo prazo, Marion (2010) explica que a proporção favorável seria de maior participação de dívidas a longo prazo, possibilitando que a organização tenha um tempo maior para gerar recursos visando liquidar, honrar com suas obrigações. Segundo Marion (2010) e Matarazzo (2010) a expansão e a modernização das organizações deveriam ser financiadas a partir de recursos de longo prazo (Passivo não Circulante), e não pelo passivo circulante, uma vez que os recursos a serem gerados pela expansão e a modernização serão gerados no longo prazo.

Para uma empresa, é prejudicial possuir investimentos em ativos permanentes superiores aos recursos disponíveis de longo prazo, ou seja, recursos de passivo não circulante e patrimônio líquido. O índice de imobilização dos recursos não correntes será sempre igual ou inferior ao índice de imobilização do patrimônio líquido, uma vez que o segundo considera a divisão do ativo permanente pelo patrimônio líquido, enquanto o primeiro considera a divisão pela soma do patrimônio com o passivo não circulante. Segundo Matarazzo (2010) pode ser utilizado a mesma análise de que um índice de imobilização dos recursos não correntes menor (inferior a 100%) indica a não utilização de passivos de curto prazo, algo benéfico para a empresa.

Fórmula de cálculo da imobilização dos recursos não correntes:

$$IRNC = \frac{\text{Investimentos} + \text{Imobilizado} + \text{Intangível}}{\text{Patrimônio Líquido} + \text{Passivo não Circulante}} \times 100$$

QUADRO 4: ATIVO PERMANENTE

	20x9
Investimentos	R\$ 92.000
Imobilizado	R\$ 765.000
Intangível	R\$ 4.380.000
Patrimônio Líquido	R\$ 4.030.000
Passivo não Circulante	R\$ 375.000

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

$$IRNC = \frac{92.000 + 765.000 + 4.380.000}{4.030.000 + 375.000} \times 100 = 118,89$$

Esse índice significa que a empresa aplicou 118,89% dos recursos não correntes em ativo permanente, ou seja, 18,89% do passivo circulante está aplicado em Ativos Permanentes.

1.1.5 Análise dos Índices de Estrutura de Capital da Empresa Analisada Comparado Com o Setor

Não há como fazer qualquer tipo de análise das demonstrações contábeis sem comparar com algum indicador padrão (índices de setor). Como a Cia. Lactose é uma empresa fictícia (criada somente para exemplos nessa apostila), faremos uma análise fictícia em comparação com o setor.

Porém, se observarmos as outras organizações e seus devido setores, podemos fazer comparações e análises de índices padrões. Diversos são os setores das organizações, de acordo com a B3 (Brasil, Bolsa, Balcão) a estrutura para a classificação setorial elaborada para o Mercado de Capitais brasileiro leva em consideração, principalmente, os tipos e os usos dos produtos ou serviços desenvolvidos pelas empresas, com os seguintes propósitos:

- Fornecer uma identificação mais objetiva dos setores de atuação das empresas, já a partir do primeiro nível da estrutura;
- Permitir uma visão sobre empresas que, embora com atividades diferentes, atuem em estágios similares da cadeia produtiva ou com produtos/serviços relacionados e tendam a responder de forma semelhante às condições econômicas;
- Facilitar a localização dos setores de atuação das empresas negociadas; e
- Aproximar-se de critérios utilizados pelo mercado financeiro nacional e internacional.

Para a classificação das empresas, foram analisados os produtos ou serviços que mais contribuem para a formação das receitas das companhias, considerando-se, ainda, as receitas geradas no âmbito de empresas investidas de forma proporcional às participações acionárias detidas. No caso de companhias de participação, foi considerada a contribuição de cada setor na formação das receitas consolidadas, sendo que: se algum setor representou participação maior ou igual a dois terços das receitas, a empresa de participação foi classificada nesse setor. Caso contrário, a empresa de participação foi classificada como holding diversificada.

A estrutura setorial e a classificação das empresas são objeto de revisões periódicas. No caso de haver alterações nos produtos ou serviços com maior contribuição para a formação das receitas, avaliaremos se essas alterações se mantêm ao longo do tempo ou constituem-se numa tendência, antes que seja feita a reclassificação setorial da empresa. Para exemplificar a comparação com o mercado, utilizaremos o setor agropecuário e a companhia Lactose, a tabela abaixo mostra os indicadores de estrutura de capital da

empresa e os indicadores do setor agropecuário, para que possamos fazer a verificação dos indicadores propostos da empresa em relação ao setor:

QUADRO 5: COMPARAÇÃO SETORIAL

	SETOR	Cia. Lactose
Participação de Capitais de Terceiros	110%	58%
Índice de Endividamento	23%	83,95%
Imobilização do Patrimônio Líquido	130%	129,95%
Imobilização do Recursos não Correntes	59%	118,89%

Fonte: Elaborada pelos autores (2019)

É importante entender que quanto menores forem os índices de estrutura de capital, melhor posicionada a empresa estará em comparação/relação à média setorial na qual ela faz parte. Com as informações mensuradas é possível observar que a participação do capital de terceiros na composição do capital da Cia. Lactose é bem menor do que a média do setor de alimentos e bebidas sendo, 110% para o setor e 58% da Cia. Lactose. Mostrando que a empresa tem mais capital próprio investido do que capital de terceiros enquanto as empresas do setor têm mais capital de terceiros.

Com relação à composição do endividamento, é possível observar que a Cia. Lactose tem 83,95% de suas dívidas a vencer no curto prazo, enquanto a média do setor é de 23%. Mesmo que exista um percentual maior de dívidas no Passivo Circulante, isso não quer dizer que a Cia. Lactose terá sua estabilidade uma vez que possui um menor grau de participação de capitais de terceiros em sua estrutura de capital.

No que se refere ao índice de imobilização do patrimônio líquido pode-se observar que a Cia. Lactose tem 129,95% do valor do PL investido no ativo permanente, enquanto o setor tem uma média de 130%, mostrando que a empresa está no mesmo padrão que o setor em que está inserida. Para esse setor, como é preciso investir muito em imobilizado por causa das máquinas necessárias para a produção, é normal ter um alto grau de imobilização do patrimônio líquido e dos recursos não correntes. Quando falamos de recursos não correntes, o setor está com uma média de 59% enquanto a Cia. Lactose está com quase o dobro com 118,89%, mostrando também uma grande diferença em relação ao setor.

É sempre interessante comparar a maior quantidade de índices mensurados e comparar com o padrão do setor, uma vez que qualquer diferença encontrada pode influenciar na tomada de decisão, tanto dos usuários internos da organização, quanto dos usuários externos.



SAIBA MAIS

Segundo uma pesquisa realizada pela Global Entrepreneurship Monitor, o Brasil chegou a 38% na Taxa de Empreendedorismo Total. Esse número indica significa que em torno de 52 milhões de brasileiros possuem um negócio próprio. E esse número só tende a aumentar.

Fonte: <https://revistapegn.globo.com/Empreendedorismo/noticia/2019/02/empreendedorismo-atrai-52-milhoes-de-brasileiros-em-2018.html>





TÓPICO

2

EBITDA (LAJIDA)

O EBITDA é uma sigla que corresponde a *Earnings Before Interests, Taxes, Depreciation and Amortization* (em Inglês) e português, Lucro Antes dos Juros, Impostos, Depreciações e Amortização, também conhecido como LAJIDA. (IUDÍCIBUS, 2007). O Lucro antes de Juros e Impostos (LAJIR), conhecido como EBIT (*Earnings Before Interests and Taxes*), é uma variável do EBITDA. O EBITDA (LAJIDA) leva em consideração a depreciação e a amortização de intangíveis. Pode ser entendido como um Lucro antes de Impostos, porém, não é um indicador contábil apresentado normalmente nas demonstrações de resultados.

Esse indicador é muito utilizado por investidores. Segundo Silva (2008) o EBITDA é utilizado por empresas de capital aberto e por analistas de mercado, como avaliação de desempenho ou do valor das companhias. Durante a década de 1970, ficou conhecido na América e utilizado como uma medida temporária para avaliar o tempo necessário para que uma empresa conseguisse progredir no longo prazo, levando em consideração sua atividade operacional/atividade principal.

Um das preocupações dos órgãos reguladores, como aponta Iudicibus (2007), não há um padrão para se calcular o EBITDA. Assim cada empresa pode calcular da maneira em que desejar, chamando a atenção da Comissão de Valores Mobiliários (CVM) e da Associação dos Analistas e Profissionais de Investimento do Mercado de Capitais (Apimec).

O EBITDA é considerável manipulável, uma vez que deixa evidenciado sobre a qualidade do lucro da empresa, pois ao somar a depreciação e a amortização, pode se conseguir EBITDA positivo, caso esse valor possa cobrir um prejuízo e deixar saldos. Entende-se o EBITDA como um tipo de medida financeira, que busca identificar a parte de

lucro que uma empresa obteve em determinado período de tempo, não considerando alguns tipos de despesas. De acordo com Assaf Neto (2012), o EBITDA equivale ao conceito de fluxo de caixa operacional da empresa, apurado antes do cálculo do imposto de renda, e é um índice potencial que indica de geração de caixa proveniente de ativos operacionais.

Apesar de o EBITDA ser uma medida financeira muito conhecida e amplamente utilizada, Matarazzo (2010) apresenta algumas críticas relacionadas a sua utilização como único instrumento para a avaliação da capacidade da empresa gerar caixa e cobrir o seu serviço da dívida:

- É mensurado antes do imposto de renda, enquanto que o caixa disponível para pagar dividendos ou recompra de ações, depois do imposto de renda; poderia ser excluído das despesas desembolsáveis apenas o IR diferido;
- Não considera as receitas e despesas não operacionais, tais como ganhos ou perdas na alienação de bens do ativo fixo;
- Não mensura a necessidade de reinvestimentos em bens do ativo permanente; e;
- Ignora as variações do capital de giro.

A Fórmula de Cálculo para o EBITDA e a Margem do EBITDA é:

$$EBITDA = \text{Lucro líquido do Exercício} - \text{Receitas Financeiras} + \text{Despesas Financeiras} \\ + \text{Imposto de Renda e Contribuição Social} + \text{Depreciação e Amortização}$$

$$\text{Margem EBITDA} = \frac{EBITDA}{\text{Receita Líquida}}$$

A interpretação indica quanto gerou de caixa operacional a cada R\$ 1,00 de receita líquida. Assim, a margem EBITDA mede a capacidade da empresa em gerar resultados comparativamente ao seu faturamento líquido. Com esta informação há possibilidade do gestor estabelecer as metas de desempenho para o ano e estimar cenários futuros.



TÓPICO

3

ALAVANCAGEM OPERACIONAL E FINANCEIRA

Ao elaborar as análises das demonstrações contábeis de uma organização, alguns autores citam a importância de avaliar as alavancagens que foram realizadas, tanto na parte operacional quanto na parte financeira.

Segundo Assaf Neto (2010), o estudo da alavancagem operacional e financeira é um dos aspectos mais importantes do processo de avaliação de uma empresa, pois uma expectativa presente nas decisões financeiras tomadas é que elas contribuam para elevar o resultado operacional e líquido (financeiro) da empresa.

Deste modo, a análise da alavancagem financeira ou operacional busca demonstrar a relevância do capital de terceiros, na estrutura de capital de uma empresa, visando maximizar o lucro de seus sócios. Segundo Assaf Neto (2010) alavancagem em finanças significa a tentativa de uma empresa multiplicar (aumentar) seu resultado (lucro) por meio do aumento do seu nível de atividade e/ou do seu endividamento com terceiros.

A aplicação da alavancagem operacional e financeira na avaliação de uma organização possibilita o conhecimento da viabilidade econômica, identificando-se claramente as causas que determinaram eventuais variações nos resultados. A possibilidade de analisar a alavancagem, principalmente a operacional, identifica a natureza cíclica de um negócio e a variabilidade de seus resultados operacionais. Já a alavancagem financeira, permite avaliar, como o endividamento da empresa está influenciando sobre a rentabilidade de seus proprietários.

De acordo com Matarazzo (2010) a partir da análise das alavancagem, é possível segregar o lucro operacional da organização, ou seja, o resultado gerado por seus ativos

e determinado somente pelas decisões de investimento, e do lucro líquido influenciado também pelas decisões referente aos financiamentos.

3.1 Alavancagem Operacional

O conceito de alavancagem operacional está relacionado ao aumento que será gerado no lucro operacional de uma empresa quando ela aumenta seu nível de atividade e, conseqüentemente, sua receita operacional. Segundo Assaf Neto (2012), com base em uma estrutura de gastos (custos e despesas), a alavancagem operacional revela como uma alteração no volume de atividade influi no lucro operacional de uma empresa, ou seja, se as vendas sofrerem uma variação, por exemplo, de 10% em certo período, qual o impacto desse comportamento sobre o lucro operacional. Para entendermos com exatidão o conceito de alavancagem operacional, é importante relembrarmos alguns outros conceitos importantes relacionados às finanças de uma empresa.

Garrison e Noreen (2001) tratam a alavancagem operacional como a medida do grau de sensibilidade do lucro às variações percentuais nas receitas de vendas. Para estes autores, a alavancagem operacional funciona como um efeito multiplicador se é alta, um pequeno aumento percentual nas receitas de vendas pode produzir um impacto mais do que proporcional no lucro da entidade. De acordo com Weston e Brigham (2000) um alto grau de alavancagem operacional, com os outros fatores mantidos constantes, significa que uma alteração relativamente pequena nas vendas resultará em uma grande mudança no lucro operacional

Assim, as empresas que possuem um alto grau de alavancagem operacional têm vantagem em relação àquelas que possuem um baixo grau de alavancagem operacional, porém isso não é necessariamente verdade. Segundo Assaf Neto (2012) as empresas que possuem uma estrutura mais elevada de gastos operacionais fixos e, conseqüentemente, um alto grau de alavancagem operacional, assumem também riscos maiores, em razão da maior variabilidade de seu lucro operacional.

O risco citado diz respeito ao fato de tais empresas precisarem de receitas operacionais mais altas para conseguirem arcar com sua estrutura mais elevada de gastos operacionais fixos. Caso surjam problemas que façam diminuir o nível de atividade da economia, as receitas operacionais tenderão a cair e tais empresas poderão passar a ter prejuízo. Para que possamos medir o efeito que um aumento nas receitas operacionais de uma empresa gerará em seu lucro operacional, devemos utilizar o conceito de grau de alavancagem operacional, que é calculado por meio de uma fórmula:

$$GAO = \frac{\frac{LO_f - LO_i}{LO_i}}{\frac{RO_f - RO_i}{RO_i}}$$

Onde:

- GAO é o Grau de Alavancagem Operacional
- LO_f = Lucro Operacional Final
- LO_i = Lucro Operacional Inicial
- RO_f = Receita Operacional final
- RO_i = Receita Operacional Inicial

Para exemplificar será utilizado os dados da empresa XYZ: No período inicial a empresa vendeu 80.000 unidades e no período final a empresa vendeu 100.000 unidades:

QUADRO 6: GRAU DE ALAVANCAGEM OPERACIONAL

GASTOS OPERACIONAIS FIXOS = \$20.000,00			
PREÇO DE VENDA UNITÁRIO DO PRODUTO = \$2,00			
GASTO OPERACIONAL VARIÁVEL UNITÁRIO DO PRODUTO = \$1,50			
QUANTIDADE DE UNIDADES VENDIDAS	RECEITA OPERACIONAL (\$)	GASTOS OPERACIONAIS TOTAIS (\$)	LUCRO OPERACIONAL (\$)
80.000	160.000	140.000	20.000
100.000	200.000	170.000	30.000

Fonte: Elaborado pelos autores (2019)

Dessa maneira os dados conforme a tabela, seria:

- Lucro inicial: \$ 20.000,00
- Lucro Final: \$ 30.000,00
- Receita Operacional Inicial: \$ 160.000,00
- Receita Operacional Final: \$ 200.000,00

O Grau de Alavancagem Operacional da empresa A, seria:

$$GAO = \frac{\frac{(30.000 - 20.000)}{20.000} \times 100}{\frac{(200.000 - 160.000)}{160.000} \times 100} = \frac{50\%}{25\%} = 2$$

A interpretação do Grau de Alavancagem Operacional, para a empresa A, diz que: para cada 1% de aumento nas vendas, a empresa A ofereceu uma elevação de 2% em seus resultados operacionais.

3.2 ALAVANCAGEM FINANCEIRA

A alavancagem financeira está associada à intensidade com a qual a empresa utiliza recursos de terceiros, ao invés de seus próprios recursos financeiros. Assaf Neto (2012) define alavancagem financeira como sendo a capacidade de que os recursos de terceiros são utilizados para implantar investimentos e podem elevar o lucro operacional de uma empresa.

De acordo com Ross et al. (2002), a alavancagem financeira acarreta maior endividamento por parte da empresa, na qual eleva seu risco de executar sua atividade, e a utilização de recursos de terceiros é uma modalidade importante de financiamento. Ao observar a necessidade de recursos financeiros por parte das organizações, a decisão do gestores de contrair ou não endividamentos, se observa sobre a possibilidade de não se endividar, mas perder oportunidades de investimento (custo de oportunidade) ou, se endividar, mas aumentar sua exposição ao risco, uma vez que tomando recursos emprestados poderá ter maiores problemas em sua liquidação futura.

A opção pela alavancagem financeira deve ocorrer quando a aplicação dos recursos de terceiros gerar um incremento no lucro líquido da empresa que seja possível de pagar o custo desta dívida e ainda assim gerar lucro adicional aos acionistas. Isto decorre pelo fato de que o custo do endividamento ocasiona despesas financeiras para a organização e estas despesas reduzem o lucro a ser tributado.

Para que possamos medir o efeito que o endividamento com terceiros poderá gerar no lucro operacional de uma empresa, devemos utilizar o conceito de grau de alavancagem financeira, que é calculado por meio de uma fórmula:

$$GAF = \frac{LO}{LO - DF}$$

Onde:

- GAF é o Grau de Alavancagem Financeira
- LO = Lucro Operacional
- DF = Despesas Financeiras

Para exemplificar vamos utilizar o seguinte quadro:

QUADRO 7: GRAU DE ALAVANCAGEM FINANCEIRA

	EMPRESA A
LUCRO OPERACIONAL	R\$ 100.000,00
DESPESA FINANCEIRA	R\$ 70.000,00

Fonte: Elaborada pelos autores (2019)

Neste exemplo simplificado, o lucro líquido da empresa seria de \$30.000 (lucro líquido = lucro operacional – despesas financeiras). Utilizando os dados apresentados, o GAF seria igual a 3,33, indicando que cada 1% de aumento no lucro operacional resultará em um acréscimo de 3,33% no lucro líquido. Essa situação apresentada é uma situação favorável, ou seja, o retorno do investimento feito supera o custo da dívida adquirida. Sempre que o índice de GAF for maior que 1,00 pode-se afirmar que a situação é favorável.



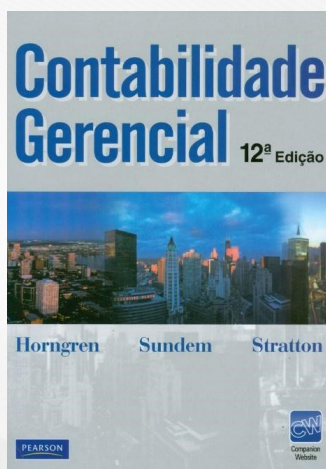
REFLITA

“A Contabilidade é, objetivamente, um sistema de informação e avaliação destinado a prover seus usuários com demonstrações e análises de natureza econômica, financeira, física e de produtividade, com relação à entidade objeto de contabilização.” Ludícibus, Martins e Gelbcke (2006, p. 48). A partir da contabilidade é possível tomar decisões como pessoa física ou jurídica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

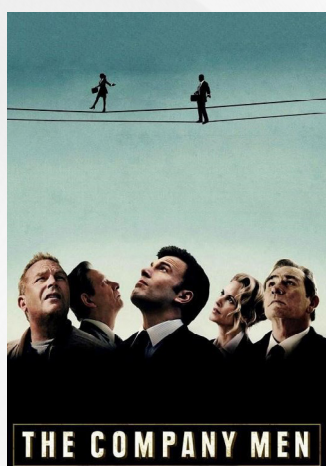
Caro(a) aluno(a), chegamos no final na Unidade 4, do livro da disciplina de Análise das Demonstrações Contábeis, abordamos sobre outros índices que os analistas podem utilizar em suas análises das informações das organizações. Discorreremos sobre o índice de participação de capital de terceiros, na qual mensura a representatividade do capital que foi tomado emprestado de terceiros para investimentos na organização em relação ao capital próprio (Patrimônio Líquido) investido. Discorreremos sobre análise a partir dos Índices de Endividamento, na qual busca identificar a proporção de recursos próprios e de terceiros mantidos pela organização, a dependência apresentada por dívidas de curto prazo, a natureza das obrigações financeiras e seu risco financeiro. Apresentamos o índice de imobilização do patrimônio líquido e o índice de imobilização dos recursos não correntes, tendo como objetivo mensurar o quanto de recursos estão investidos no ativo permanente (Investimentos, Imobilizado e Intangível). Analisamos o EBITDA que é considerado um tipo de medida financeira, que busca identificar a parte de lucro que uma empresa obteve em determinado período de tempo, não considerando alguns tipos de despesas. E estudamos sobre a análise da alavancagem financeira ou operacional que busca demonstrar a relevância do capital de terceiros, na estrutura de capital de uma empresa, visando maximizar o lucro de seus sócios.

MATERIAL COMPLEMENTAR



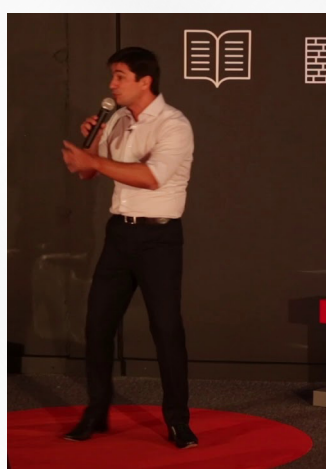
LIVRO

- **Título:** Contabilidade Gerencial
- **Autores:** Horngren, Sundem e Stratton
- **Editora:** Pearson.
- **Ano:** 2003
- **Sinopse:** Contabilidade Gerencial, 12ª edição, foi elaborado para atender às necessidades de estudantes que estejam cursando contabilidade, bem como a gestores que utilizem relatórios de contabilidade gerencial. Com o intuito de transmitir um enfoque equilibrado e flexível, este livro descreve os conceitos e as técnicas que gestores que utilizem relatórios de contabilidade gerencial



FILME/VÍDEO

- **Título:** A Grande Virada
- **Ano:** 2010
- **Sinopse:** Jovem executivo rumo ao sucesso perde o emprego quando sua empresa faz uma demissão em massa. Desempregados, ele e seus amigos Phill e Gene tentam redefinir suas vidas enquanto lutam para sobreviver em um momento de crise.



FILME/VÍDEO

- **Título:** Como se preparar diante das novas demandas do mercado?
- **Sinopse:** Neste vídeo é Celson Plácido, Sócio e Estrategista-chefe da XP Investimentos, conta com muito bom humor, que o mundo das finanças e investimentos pode ser muito interessante. Celson é sócio e estrategista-chefe da XP Investimentos. Atuando há mais de 20 anos no mercado financeiro, foi analista de ações no Banco Icatu, Banco BBA, Santander, Petros e GP Investimentos, além de sócio e gestor de fundos de ações na Opus gestora de recursos. Desde 2009 na XP Investimentos, iniciou na área comercial voltada para clientes institucionais e desde 2013 é o responsável pela área de análise. Se formou em Administração de Empresas pela UFF (Universidade Federal Fluminense) e fez pós-graduação em Direito Societário na FGV-RJ.
- **Link do vídeo:** <https://www.youtube.com/watch?v=bnbncoSz1QE>.

CONCLUSÃO GERAL

Caro(a) aluno(a), chegamos no final do Livro de Análise das Demonstrações Contábeis!

Esperamos ter contribuído com a sua formação neste curso superior e sua atuação no âmbito empresarial. Nesse sentido, vimos conceitos, definições e legislações, os quais já são convergentes às práticas de mercado e Normas Internacionais de Contabilidade e utilização de práticas de análise das demonstrações contábeis. O objetivo deste material buscou proporcionar o entendimento sobre como analisar as demonstrações contábeis, as quais são um conjunto de informações compulsórias que as organizações elaboram para os usuários internos e usuários externos, com o objetivo de entender sua posição patrimonial, financeira, econômica e social, bem como comparar com outras organizações do mesmo setor. De acordo com Ludícibus (2007) a análise da demonstração é uma técnica que possibilita extrair informações úteis dos relatórios contábeis mais utilizados e das complementares, para que os usuários das demonstrações conheçam as organizações e possam tomar suas decisões. Por este fato, torna-se indispensável para a análise das demonstrações contábeis. Observamos, na Unidade I, como que as demonstrações contábeis-financeiras podem, através da análise das informações contidas nelas, dar suporte nos processos decisórios dos usuários das informações contábeis. Vimos como a contabilidade é utilizada na geração das informações contábeis. Explicamos os tipos dos usuários contábeis e como cada tipo de usuário contábil utiliza as informações geradas pelas demonstrações contábeis. Abordamos sobre a preparação e a padronização das Demonstrações Contábeis. Na Unidade II, discorremos sobre os procedimentos para analisar as demonstrações contábeis. Explicamos o funcionamento da coleta de dados para analisar as demonstrações contábeis, e como a coleta da documentação para utilizar na análise pode variar de acordo com algumas circunstâncias. Na Unidade III, o foco foi nos Índices Financeiros, Econômicos e Patrimoniais. Esses índices são cálculos efetuados a partir do balanço patrimonial e da demonstração de resultados, auxiliando no entendimento da situação da organização, em seus aspectos patrimoniais, financeiros e de rentabilidade. A elaboração desses Indicadores é o processo de análise mais utilizado pelos analistas, porque oferece visão global da situação econômica e financeira da Organização. E por fim, na Unidade IV explicamos outras abordagens sobre Avaliação de Desempenho Econômico

e Financeiro, demonstrando outros índices para comparação setorial e de retornos. Demonstramos o EBITDA que é uma medida financeira, que busca identificar a parte de lucro que uma empresa obteve em determinado período de tempo, não considerando alguns tipos de despesas. Abordamos sobre a alavancagem operacional e financeira na avaliação de uma organização, na qual funciona como uma possibilidade de conhecer a viabilidade econômica, para identificar claramente as causas que determinaram eventuais variações nos resultados. Esperamos que sua jornada nesta disciplina seja proveitosa e que você possa ter êxito na sua conclusão.

Bons estudos!

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. Estrutura e Análise de Balanços: um enfoque econômico-financeiro / Alexandre Assaf Neto. – 9.^a ed. – São Paulo: Atlas, 2010.

ASSAF NETO, Alexandre; LIMA, Fabiano Guasti. **Fundamentos de administração financeira**. 2014.

ASSAF, NETO; **Estrutura e análise de balanços**: um enfoque econômico-financeiro. São Paulo, 2012.

BAZZI, Samir. Análise das demonstrações contábeis – São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2019.

BEGALLI, G. A.; PEREZ JR., J. H. Elaboração e análise das demonstrações contábeis. 4.^a ed. São Paulo: Atlas, 2009

BLATT, Adriano. Análise de balanços: estruturação e avaliação das demonstrações financeiras e contábeis. Makron Books, 2001.

Brasil, Bolsa, Balcão: http://www.b3.com.br/pt_br/produtos-e-servicos/negociacao/renda-variavel/acoes/consultas/classificacao-setorial/

BRASIL, **Lei n.º 11.638, de 28 de dezembro de 2007**. Altera e revoga dispositivos da Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei no 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estende às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras.

BRASIL, **Lei n.º 6.404, de 15 de dezembro 1976**. Institui a Lei das Sociedades Anônimas.

BRASIL, **Lei no 11.941, de 27 de maio de 2009**. Altera a legislação tributária federal relativa ao parcelamento ordinário de débitos tributários; concede remissão nos casos em que especifica; e dá outras providências.

CFC. Conselho Federal de Contabilidade. Resolução CFC n.º 1.374/11. Dá nova redação à NBC TG ESTRUTURA CONCEITUAL – Estrutura Conceitual para Elaboração e Divulgação de Relatório Contábil Financeiro. Brasília, 2011

COMITÊ DE PRONUNCIAMENTOS CONTÁBEIS – CPC. CPC 26 (R1) - Apresentação das Demonstrações Contábeis. Brasília, dez. 2011.

DIAS FILHO, José Maria; NAKAGAWA, Masayuki. Análise do processo da comunicação contábil: uma contribuição para a solução de problemas semânticos, utilizando conceitos da teoria da comunicação. **Revista Contabilidade & Finanças**, v. 12, n. 26, p. 42-57, 2001.

FAMA, Eugene F. Efficient capital markets: A review of theory and empirical work. The journal of Finance, v. 25, n. 2, p. 383-417, 1970.

GARRISON, Ray H.; NOREEN, Eric W. Contabilidade gerencial. 9.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2001.

GLAUTIER, M.W.E. & UNDERDOWN, B. **Accounting Theory and Practice**. London. Pitman Publishing, 3th.ed., 1986.

GROPPELLI, A. (2002). Administração Financeira. São Paulo. Editora Saraiva.

Hendriksen, E. S. Van Breda. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas. 1999.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Análise de balanços**. São Paulo: Atlas. 2007.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas. 2010.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações: aplicável às demais sociedades. FIPECAFI. 6. Ed. Ver. E atual. – 8. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2006.

KLADIS, Constantin Metaxa; FREITAS, HM de. O processo decisório: modelos e dificuldades. **Revista Decidir**, v. 2, n. 8, p. 30-34, 1995.

MARION, José Carlos. Análise das Demonstrações Contábeis: contabilidade empresarial. Atlas, 6ª ed. 2010.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 14 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MARQUES, Jose Augusto Veiga da Costa; CARNEIRO JUNIOR, João Bosco. ARBUÉS; KÜHL, Carlos Alberto. **Análise Financeira das Empresas**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2008.

MATARAZZO, Dante Carmine, **Análise financeira de balanços**. 6 ed. São Paulo: Atlas. 2008

MATARAZZO, Dante Carmine. Análise Financeira de Balanços: abordagem básica e gerencial. 7. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PADOVEZE, C. L.; BENEDICTO, G. C. **Análise das demonstrações financeiras**. 2 ed. São Paulo: Thomson Learning, 2007

PADOVEZE, Clóvis Luís. Contabilidade Gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil. 7ª. São Paulo: Atlas, 2010.

PADOVEZE, Clóvis Luís; DE BENEDICTO, Gideon Carvalho. Análise das demonstrações financeiras. Cengage Learning Editores, 2004.

PADOVEZE, Clóvis Moura. **Contabilidade gerencial**. 2ª ed., São Paulo: Atlas, 1997.

RIBEIRO, Osni Moura. **Estrutura e análise de balanços fácil**. Editora Saraiva, 2017.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JAFFE, Jeffrey F. **Administração Financeira: Corporate Finance**. 2ª Edição. São Paulo: Atlas, 2002.

SALES, Rodrigo Lacerda; DE BARROS, Aluizio Antonio; DE ARAÚJO PEREIRA, Cláudia Maria Miranda. Fatores condicionantes da mortalidade dos pequenos negócios em um típico município interiorano brasileiro. **Revista da micro e pequena empresa**, v. 5, n. 1, p. 68-84, 2011.

SAPORITO, Antonio. **Análise e estrutura das demonstrações contábeis**. Curitiba: Intersaberes, 2015.

SILVA, Alexandre A. Da. **Estrutura, análise e interpretação das demonstrações contábeis**. 1. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

SILVA, Daniel José Cardoso da et al. Para que Serve a Informação Contábil nas Micro e Pequenas Empresas?. **Revista Contemporânea de Contabilidade**, v. 7, n. 13, p. 89-106, 2010.

SILVA, José Pereira da. **Análise financeira das empresas**. 9. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

WESTON, J. F.; BRIGHAM, E. F. **Fundamentos da administração financeira**. São Paulo: Pearson, 2000.

